



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

FACULDADE DE LETRAS

RAQUEL DOS SANTOS DE LIMA

**A PATEMIZAÇÃO EM ENTREVISTA DE ACUSADOS DE ASSASSINATO DE CRIANÇAS:** o desejo de produzir empatia por meio da persuasão.

Rio de Janeiro

2023

RAQUEL DOS SANTOS DE LIMA

**A PATEMIZAÇÃO EM ENTREVISTA DE ACUSADOS DE ASSASSINATO DE CRIANÇAS: o desejo de produzir empatia por meio da persuasão.**

Monografia submetida à Faculdade Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Martins Gouvêa.

Rio de janeiro  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem Ele eu nunca teria chegado ao final da graduação. Sou grata a Deus por todo Seu sustento, fidelidade e por toda força que me deu em todo o meu trajeto árduo nos estudos. Faço das minhas palavras as do salmista “Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?” (Salmo 116: 12). Meu coração transborda de alegria quando penso o quão gratificante é servir a Cristo, o sustentador de todas as coisas, inclusive o sustentador de minha vida. “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis[...]. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste.” (Colossenses 1: 16 e 17).

Também agradeço a minha orientadora, Lúcia Helena, por toda paciência e dedicação quando eu a procurava para sanar minhas dúvidas. A senhora foi incrível!

Agradeço aos meus pais, Rita e Antonio, e a meus dois irmãos, Leonardo e Ana, por todo apoio que me deram e por suas orações. Obrigada por me aguentarem em minhas horas de estresse.

Por fim, agradeço aos meus irmãos em Cristo da Primeira Igreja Batista Regular da Ilha do Governador que oraram por mim durante esses cinco anos de graduação. Deus abençoe cada um de vocês. Agradeço especialmente a minha irmã em Cristo, Elaine, que sempre me ajudou quando eu a procurava para me auxiliar com as impressões e xerox para os trabalhos acadêmicos. Você não mediu esforços para me ajudar.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>4</b>
<b>2.1 A Semiolinguística do Discurso.....</b>	<b>4</b>
<b>2.2 A Linguística Forense.....</b>	<b>9</b>
<b>2.3 A Teoria Semiolinguística associada à Linguística Forense.....</b>	<b>12</b>
<b>3. A VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E A LEI HENRY BOREL.....</b>	<b>12</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>5. ANÁLISE DAS FALAS DE ACUSADOS DE ASSASSINATO DE CRIANÇAS, E A TENTATIVA DE PERSUASÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>5.1 Adjetivo.....</b>	<b>16</b>
<b>5.2 Palavras/expressões/enunciados que podem provocar emoção.....</b>	<b>21</b>
<b>5.3 Argumentos repetidos que visam a persuasão.....</b>	<b>31</b>
<b>5.4 Uma família unida e feliz, de acordo com o casal Nardoni.....</b>	<b>37</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar, sob a ótica da patemização, as estratégias linguístico-discursivas usadas por acusados de assassinato de crianças. A partir de entrevistas que os suspeitos deram a programas de TV, tentaremos investigar as estratégias linguísticas selecionadas pelos suspeitos em seu discurso para provocar empatia no público, com a intenção de convencer o ouvinte de sua não participação no crime.

Quando nos comunicamos, queremos transmitir credibilidade a quem nos ouve e, para isso, usamos meios para que o nosso receptor aceite como verdade o que está sendo dito. Entendemos que um desses meios de persuasão é a escolha lexical. Desta forma, optamos por dizer que o conjunto de palavras, sintagmas, enunciados usados pelos suspeitos analisados para esta pesquisa foi selecionado por eles, para que seu discurso se mostrasse verdadeiro. Assim, o **problema** que circula esta pesquisa é: Quais estratégias patêmicas foram selecionadas pelos suspeitos para gerar empatia no telespectador a fim de convencê-lo de sua inocência?

Querendo trazer respostas a esse questionamento, três **hipóteses** foram levantadas, hipóteses essas que tentaremos comprovar ou refutar. São elas:

- Os acusados tenderiam a usar grande quantidade de adjetivos, qualificando, direta e positivamente, a si próprios, a fim de preservar sua imagem e afirmar sua inocência.
- Os acusados usariam palavras/expressões/enunciados de caráter emocional para criar no receptor o sentimento de empatia e convencê-lo de sua inocência.
- Os suspeitos apresentariam argumentos repetidos a fim de persuadir o telespectador de que são inocentes.

Para comprovar ou negar as hipóteses listadas acima, foram elaborados três **objetivos**, que são:

- Analisar se os acusados usam grande quantidade de adjetivos a fim de preservar sua imagem e afirmar sua inocência.
- Verificar as palavras/expressões/enunciados de caráter emocional selecionados pelos suspeitos, que desejam provocar empatia no receptor e convencê-lo de inocência.
- Analisar a relação entre a repetição de argumentos e o ato de persuadir o telespectador.

Querendo atingir os objetivos acima e buscando entender os argumentos utilizados pelos acusados para gerar a empatia em quem os ouve, este trabalho, ligado à área da Análise do Discurso se apoia em Patrick Charaudeau, criador da teoria Semiolinguística do Discurso. Ademais, relacionaremos a Teoria Semiolinguística do Discurso à Linguística Forense, com o objetivo de contribuir para futuras pesquisas na área criminal, sobretudo no que diz respeito a assassinato de crianças.

Sobre a motivação da escolha do tema, este trabalho se **justifica** pelo preocupante aumento do número de crimes contra crianças no Brasil. Segundo a UNICEF e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), nos últimos 5 anos, crianças e adolescentes foram mortos violentamente no país. Muitos menores sofrem diferentes tipos de violência, como a sexual, a violência doméstica, entre outros tipos. Dessa forma, gostaríamos de investigar o discurso de suspeitos desse tipo de crime, os quais alegam inocência, ainda que haja provas criminais que apontam para sua participação, direta ou indiretamente, no delito. Vale lembrar que, neste trabalho, voltar-nos-emos apenas para os casos de assassinato de crianças.

É importante afirmar que a presente pesquisa não tem o intuito de julgar a conduta moral de ninguém, tampouco condenar algum dos acusados. Este trabalho é de natureza apenas acadêmica e científica, que fundamenta seus argumentos em teóricos. Como já dito anteriormente, o trabalho, aqui apresentado, busca entender quais comportamentos linguístico-discursivos foram usados pelos acusados para tentar gerar no receptor uma afeição por eles e convencê-lo de que seriam incapazes de matar uma criança, diante de graves acusações e provas criminais contra eles.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Nenhuma argumentação é imparcial. Todo sujeito, ao se pronunciar, revela seu ponto de vista, esperando que o receptor aceite o seu discurso. Ou seja, é preciso que ocorra argumentação por meio da fala do locutor, caso contrário, seu objetivo de convencer o ouvinte não será alcançado.

Dito isso, a seguir, encontra-se a teoria voltada à patemização, a qual comandou toda pesquisa.

### **2.1 A Semiolinguística do Discurso**

Este trabalho se fundamenta na Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (1992). Antes, porém, de adentrarmos nessa teoria, abordaremos a noção de *pathos*, criada por Aristóteles, e não podemos falar deste filósofo sem mencionar, ainda que brevemente, sobre a arte da retórica.

Retórica é a arte da boa eloquência, utilizando técnicas persuasivas para convencer o interlocutor. Segundo Aristóteles (2012), a Retórica é a arte da argumentação e fundamenta-se em provas, sendo a prova uma forma de meios de persuasão. Pode-se citar dois meios de prova: (1) o *meio não artístico*, que é construído através da evidência de testemunhos ou de contratos escritos; (2) o *meio artístico*, o qual corresponde aos meios de persuasão arquitetado pelo interlocutor.

Para esta pesquisa, nos interessam os *meios artísticos de prova*, uma vez que abordaremos a arte da persuasão, por meio de estratégias de patemização, encontradas no discurso de acusados de assassinato de crianças.

Os meios artísticos de provas estão divididos em três categorias: *ethos*, *logos* e *pathos*. O *ethos* é a imagem de credibilidade e da boa moral do locutor ao seu ouvinte. Quanto ao *logos*, entendemos que esta categoria diz respeito ao conteúdo dos enunciados. Para Aristóteles, para que haja convencimento, é necessário que o discurso apresente uma lógica. A última categoria pertencente à retórica é o *pathos*, categoria esta que rege toda pesquisa. O *pathos* se relaciona à emoção que o orador desperta no receptor, a fim de convencê-lo a crer no que é dito.

Sabemos que, para persuadir algum ouvinte, a escolha das palavras e a construção dos enunciados são essenciais e podem provocar emoção no receptor, fazendo com que ele acredite no que lhe está sendo comunicado. Podemos ver a tentativa de despertar o *pathos* no público em uma das falas da mãe de Henry Borel:

Entrevistador: Se o pai perguntar à senhora por que o filho está morto, o que a senhora diria a ele?

Monique Medeiros: Eu daria o meu sangue das minhas veias pra ele, eu daria meus órgãos pra ele, eu teria me jogado por ele, eu teria caído por ele, eu teria morrido por ele. Eu teria morrido pelo meu filho[...]. Uma mãe não mata um filho, uma mãe se mata pra ter o filho vivo.

Monique Medeiros mostra, por meio de enunciados que podem provocar emoção, as possíveis ações que ela realizaria por seu filho e todas as ações citadas por ela remetem à morte dela própria e não à do filho Henry Borel. Os enunciados selecionados por Monique Medeiros para convencer o público de que ela daria sua vida pelo filho podem provocar em quem a ouve o sentimento de compaixão por ela, pois, em uma sociedade, o que se espera de uma mãe é que ela ame seu filho incondicionalmente. Desta forma, através dos próprios enunciados, com teor

altamente emocional, Monique Medeiros pode despertar o *pathos* no interlocutor e o fazer sentir empatia por ela. Como consequência, o objetivo de convencer o ouvinte de que ela seria incapaz de fazer mal ao seu próprio filho, talvez, obtivesse êxito.

É válido chamar atenção para o fato de que, às vezes, a persuasão pode não ser atingida, ainda que o locutor se utilize de estratégias patêmicas. Podemos nos apropriar de palavras e enunciados que designam sentimentos, tentando produzir emoções no ouvinte e seu convencimento, mas isso não é uma garantia de que a persuasão terá êxito, como lemos no trecho abaixo:

[...] percebemos que a prática de patemização nem sempre leva o auditório a aceitar aquilo que defendemos, quando o enunciador recorre a estratégia do *pathos*. Às vezes, produzimos emoções, demonstramos sentimentos, que podem não ser suficientes para que haja convencimento daquilo que se revela aos outros. Para a construção da argumentação, o que está sendo dito, pode ser motivo de refutação, motivo de contestação, mesmo quando o orador faz uso de prática subjetiva, demonstrando sensibilidade com visada argumentativa. (SILVA et alii., 2019, p. 271-272)

Essas três categorias – *ethos*, *logos* e *pathos* – são importantes para que a persuasão seja alcançada, e o ouvinte não duvide do conteúdo proposicional. O linguista francês Patrick Charaudeau, o qual propôs a Teoria Semiociológica do Discurso (1992), não pensa no ato discursivo apenas como uma mera conversação; ele considera a interação social e os efeitos que a linguagem em uso produz.

A Teoria Semiociológica surgiu em meados de 1980. Nesta teoria, os sujeitos e seus papéis são importantes, pois, em uma interação linguageira, tanto o sujeito comunicante quanto o interpretante atuam no processo da linguagem. Por exemplo, em uma relação conversacional, o papel do sujeito comunicante é de se fazer entendido e ter seus argumentos aceitos pelo sujeito interpretante.

Ainda sobre a Teoria Semiociológica do Discurso, Charaudeau acrescenta:

[...] uma análise semiociológica do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma análise semiociológica do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceitualização estrutural dos fatos linguageiros. (CHARAUDEAU, 2008, p. 21)

Charaudeau formula quatro tipos de sujeitos na discursividade, e estes sujeitos ocupam dois espaços distintos. No domínio externo, ocupam o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi). Quanto ao domínio interno (espaço propriamente discursivo) encontram-se os sujeitos enunciativo (EUe) e o destinatário (TUD).



O linguista também apresenta o conceito de *modos de organização do discurso*. Para ele, há quatro modos de organização discursiva, e a escolha entre eles dependerá da finalidade comunicativa do falante. Em primeira análise, há o *modo enunciativo*, o qual se caracteriza pela posição dos sujeitos no discurso, isto é, considera-se a posição do sujeito emissor em relação ao seu receptor e ao mundo. O *modo descritivo*, por sua vez, ocorre quando a finalidade é voltada para descrever, detalhar, nomear, situar algo ou alguém para seu interlocutor. O *modo narrativo* se caracteriza por uma sequência de fatos situados no tempo e no espaço e pela presença de agentes e processos. Por fim, há o *modo argumentativo de organização do discurso*, que defende um ponto vista, buscando o convencimento do interlocutor.

Ainda que haja uma separação entre os modos de organização do discurso, cabe ressaltar que, em uma interação, eles podem se misturar, tendo em vista que um só texto pode apresentar características híbridas, logo os quatro modos de organização do discurso podem aparecer simultaneamente.

Em uma discursivização, a modalização também é outro elemento presente. Essa categoria pode ser compreendida como sinais, marcas que o falante deixa em seu discurso através de expressões, as quais serão usadas de acordo com a intenção do sujeito comunicante. Os atos enunciativos (modalidades) compõem-se de três comportamentos: alocutivo, elocutivo e delocutivo.

O *comportamento alocutivo*, segundo Charaudeau, caracteriza-se pelo envolvimento entre o locutor e o interlocutor, tendo em vista, principalmente, o comportamento imposto ao segundo, pelo primeiro.

Quanto ao *comportamento elocutivo*, o sujeito receptor não é envolvido, expondo, o locutor, seu ponto de vista sobre o que está sendo enunciado. Abaixo, encontra-se um diálogo retirado do *corpus* desta pesquisa, com exemplos dos comportamentos alocutivo e elocutivo. Para melhor compreensão da leitura, salientamos que o trecho abaixo foi colhido da entrevista realizada pelo jornalista Valmir Salaro (2008), do programa Fantástico, da TV Globo. O objetivo era entrevistar o casal Nardoni, que, na época, estava sendo acusado pelo assassinato de Isabella Nardoni.

Entrevistador: O senhor alguma vez bateu na sua filha?

Alexandre Nardoni: Eu nunca encostei um dedo na minha filha.

Na fala de Nardoni, vemos o comportamento elocutivo, uma vez que temos a presença do pronome de 1ª pessoa do discurso “eu”. Essa fala, por sua vez, constitui-se numa resposta

ao entrevistador, em cuja pergunta identificamos o comportamento alocutivo a partir do uso do pronome de tratamento “O senhor”.

Há, por fim, o *comportamento delocutivo*. Neste tipo de ato, não se encontram o locutor nem o interlocutor, logo não há marcas de 1ª nem 2ª pessoas do discurso. Os enunciados são impessoais, podendo apontar para uma 3ª pessoa. Abaixo encontra-se um exemplo de comportamento delocutivo na resposta de Alexandre Nardoni ao entrevistador, quando, em um momento da entrevista, o jornalista Valmir Salaro questiona o casal Nardoni como os dois estão enfrentando as pesadas acusações contra eles a respeito da morte da criança.

Entrevistador: Vocês estão suportando essa carga de acusação em cima de vocês, que é uma acusação grave, que você teria asfixiado a Isabella, e você jogado da janela.

Alexandre Nardoni: Isso não existe, isso não existe. Nunca foi encostado um dedo, porque ela é uma criança educada, é uma criança que você falava com ela “Filha, vê isso aqui, você tem que fazer desse jeito, faz assim” e ela é uma pessoa que escutava. É uma criança que nunca deu trabalho pra ninguém, pra ninguém.

Como é possível perceber, o foco da resposta do pai de Isabella Nardoni é a própria filha. Em seu enunciado não há a presença do locutor (*eu*), tampouco a 2ª pessoa *tu* se faz presente em seu argumento (exceto quando ele se dirige diretamente à filha, para exemplificar que a menina sempre foi uma boa criança; aliás, tem-se nesse fragmento uma narrativa, o que também é típico do comportamento delocutivo). O enunciado de Alexandre Nardoni aponta para uma 3ª pessoa somente: para sua filha. Além disso, podemos ver uma afirmação impessoal no fragmento “Isto não existe, isto não existe”. Assim, a fala acima transcrita se encaixa no comportamento delocutivo.

Para as análises do *corpus*, apoiamo-nos em algumas estratégias de patemização, elaboradas por Gouvêa (2017). Seguem tais estratégias abaixo:

- Princípio de avaliação: termos que mostram a avaliação do locutor, sobre um dado assunto.
- Palavras/expressões que desencadeiam emoção: palavras que despertarão algum tipo de emoção no receptor, a depender do contexto específico.
- Enunciados que podem produzir efeitos patemizantes: São enunciados inteiros que desencadearão emoção no ouvinte e, para isso, necessita-se de um contexto para que a emoção seja alcançada.
- Palavras que descrevem de modo transparente emoções: vocábulos que, explicitamente, pertencem ao universo das emoções.
- Expressões modalizadoras: São estratégias, cujo objetivo é a modalização do discurso, nos permitindo entender o posicionamento do enunciador diante do é dito.

São os operadores argumentativos, expressões adverbiais modais, verbos modais e orações modalizadoras.

- Palavras que designam calamidades: vocábulos que designam palavras contra a vida.

Além das estratégias de Gouvêa mencionadas acima, foram encontradas, durante a análise do *corpus* deste trabalho, mais três estratégias de patemização. São elas: (1) *argumentos repetidos que visam a persuasão*, (2) *o uso de terceiros para validação de argumentos* e (3) *invocação do sobrenatural*.

## 2.2 A Linguística Forense

Quando ouvimos a expressão Linguística Forense, o que devemos pensar, em primeiro lugar, é na interface que essa área apresenta entre a Linguagem e o Direito. De acordo com Coulthard (2014), ela pode ser dividida em três áreas. São elas: (1) Linguagem e Direito, (2) Interação em Contextos Forenses e (3) A Linguagem como Prova/Evidência

Acerca da *primeira área* – Linguagem e Direito – o linguista tem como objeto de análise a linguagem escrita nos documentos jurídicos. Podemos mencionar alguns papéis que o linguista forense pode exercer nesse ramo. Sabemos que, no âmbito jurídico, há termos técnicos e específicos, os quais podem dificultar a compreensão dos leigos. Assim, a função do linguista forense que atua na área da Linguagem e Direito é facilitar a acessibilidade e compreensão dos textos jurídicos por parte daqueles que não conhecem as terminologias jurídicas. Este profissional pode, também, auxiliar profissionais do Direito na análise dos gêneros textuais produzidos na área judicial. De acordo com Coulthard:

Linguistas forenses podem instruir profissionais legais na maneira como “distinguir” gêneros discursivos, assim como guiá-los/as na simplificação de textos inacessíveis aos/ às envolvidos/as no processo jurídico. Esse trabalho pode produzir uma comunicação mais eficaz e democrática e apontará para a importância do intercâmbio terminológico entre os profissionais do Direito e da Linguagem. (COULTHARD, 2014, p. 2-3)

A *segunda área* em que um linguista forense pode trabalhar diz respeito à Interação em Contextos Forenses. Nesta área o especialista se ocupa com a linguagem oral usada em depoimentos, entrevistas, entre outras facetas da oralidade. Desta forma, um linguista forense que atua na Interação em Contexto Forense poderá trabalhar em delegacias, fóruns, escritórios de advocacia. Este profissional ajudará nas interações comunicativas quando houver, por

exemplo, testemunhas vulneráveis (menores de idade, pessoa com dificuldades mentais *etc.*). Pode atuar, ademais, como intérprete (quando o participante do processo tribunal é um imigrante). Coulthard aponta para alguns campos que o linguista forense pode analisar quando o objeto do exame é a linguagem oral: interrogatórios policiais, interrogatórios com vítimas vulneráveis, discursos em contextos prisionais, multilinguismo no sistema jurídico, entre outros.

Por fim, a *terceira área* da Linguística Forense é A Linguagem como Prova/Evidência. Neste campo, analisam-se textos escritos e gravação de voz. No que diz respeito à gravação de voz, entra em cena a Fonética Forense, cujo foneticista investiga a voz de um falante quando há dúvida sobre “quem é a pessoa por trás dessa voz?”. Através da investigação do foneticista, a pessoa, ainda que esteja disfarçada, poderá ter sua identidade descoberta por meio da análise de sua voz.

Quanto aos textos escritos, o objetivo do especialista é identificar o autor de um determinado texto. O que se deseja saber é “quem é o autor deste texto?” e, para que essa dúvida seja sanada, é preciso que o linguista forense compare o texto investigado com outros textos escritos pelo indivíduo para que se aproxime de uma conclusão, indicando se há a possibilidade de o sujeito ter escrito ou não o texto analisado. Na área A Linguagem como Prova/Evidência, trabalha-se, também, com a identificação de plágios, cibercrimes, transcrição de áudios, atribuição de autoria *etc.*

A professora, linguista, perita judicial e grafotécnica Jordana Lenhardt diz que:

Não existe uma ferramenta específica da Linguística Forense, de acordo com Coulthard e Johnson, o linguista forense deve saber fazer a seleção de acordo com o caso em análise. Por isso, é importante a formação especializada deste profissional, preferencialmente em doutoramento[...]. Assim, somente um profissional especializado na área da linguagem é capaz de empregar o conhecimento necessário para análise e tratamento de indícios e evidências linguísticas. Nessa perspectiva, Coulthard esclarece que ao linguista não compete decifrar palavras, mas interpretá-las e, desse modo, o sentido de um texto pode ser de importância crucial em alguns julgamentos. (LENHARDT, 2022, p. 103)

A Linguística Forense teve seu início em países de língua inglesa, e apenas em 1968 é que essa ciência se consolidou como disciplina com a publicação do artigo *The Evans statements: a case for forensic linguistics*, de Jan Svartvik, após um caso policial mal investigado (COULTHARD, 2005). Vale a pena mencionar este caso para ilustrar a importância da Linguística Forense em investigações criminais.

Timothy John Evans (26 anos), um jovem imigrante e de baixa escolaridade, muda-se para a Inglaterra. Ali, Evans se casa e tem uma filha. Sua esposa Beryl, grávida de seu 2º filho,

e sua filha Geraldine foram assassinadas, e as acusações por esses dois assassinatos recaíram sobre Timothy Evans. Sentindo-se coagido pelos policiais, Timothy Evans confessa o crime, embora não o tivesse cometido. Depois de um período, ele afirma que se sentiu forçado pelos policiais a confessar os assassinatos. Ainda assim, ele foi condenado e morto por enforcamento em 1950. Anos depois, o linguista Jan Svartvik voltou ao caso de Timothy e encontrou diferenças gramaticais bem notórias no depoimento do acusado, assim como dois estilos distintos: um mais formal e outro informal. Timothy John Evans recebe perdão da justiça, mas sem usufruí-lo, pois foi morto inocentemente. Descobriu-se, depois, que sua esposa e filha foram mortas por um vizinho serial Killer, John Christie.

No Brasil, a Linguística Forense é uma atividade ainda em desenvolvimento. Algumas instituições já oferecem essa ciência aos estudantes. Podemos citar, como exemplo, o curso de pós-graduação Caso de Especialização em Linguística Forense, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ou o Grupo de Linguística Forense da UFSC.

Uma teoria importante para os linguistas forenses é o idioleto. Segundo essa teoria, cada indivíduo nativo apresenta características singulares na língua escrita e falada; é um estilo individual do sujeito. Ainda que as pessoas nasçam em determinado país e compartilhem a mesma língua materna, as mesmas regras linguísticas, isso não as impede de ter sua própria “impressão digital” na fala ou escrita. Uma pessoa pode empregar a língua de maneira própria, uma vez que seu sistema linguístico pode sofrer variação sob influência do meio em que vive ou se alterar por outras experiências pessoais. Sobre essa ideologia, o professor e linguista forense Welton Pereira e Silva (2019) escreveu para a revista Roseta:

Ao produzir um texto, seja oral ou escrito, o sujeito lança mão de um vasto repertório lexical e regras de ordenação sintática pertencentes à gramática de seu idioma. Entretanto, esse arranjo não é feito da mesma forma por diferentes pessoas. Ao falarmos ou ao escrevermos, organizamos o material linguístico que está disponível em nosso acervo mental de uma forma única, afinal, cada indivíduo constituiu seu léxico a partir de experiências também únicas. Isso significa que imprimimos nosso estilo em nossos textos, deixando nele nossa “assinatura”. Esse uso individual do idioma é chamado de idioleto, ou seja, é como se fosse um dialeto pessoal, uma marca identitária daquele indivíduo. A noção de idioleto, entretanto, ainda não é consensual entre os linguistas. (SILVA, 2019).

### **2.3 A Teoria Semi linguística associada à Linguística Forense**

Uma das áreas bastante utilizada na Linguística Forense é a Análise do Discurso, principalmente a Análise Crítica do Discurso. Conforme cita Silva (2020)

Tanto no Brasil quanto em Portugal, grande parte dos analistas do discurso que se debruçam sobre a análise e reflexão acerca de discursos oriundos de práticas jurídicas, ou a elas relacionados, vincula-se a essa vertente da AD. (SILVA, p. 84, 2020)

Nesta pesquisa, relacionamos a Semiologia, uma das teorias da Análise do Discurso e a principal linha deste trabalho, à Linguística Forense. Esperamos contribuir para futuras pesquisas, principalmente no campo criminal, e despertar o interesse de estudiosos a fim de investigar como a patemização se encontra no discurso de suspeitos de assassinato de crianças. É por meio de estratégias de patemização que muitos destes acusados esperam produzir empatia no interlocutor, convencê-lo com seus argumentos bem selecionados e, quem sabe, garantir sua inocência.

### **3 A VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E A LEI HENRY BOREL**

Quando se ouve a palavra *violência*, a primeira imagem que pode surgir na mente da sociedade é a agressão física contra um indivíduo. Sabemos, entretanto, que a violência vai além de atacar alguém fisicamente. Existem diferentes tipos de violência, dentre as quais podemos citar a violência física, violência sexual, violência psicológica, violência doméstica, entre outras formas. Seguindo a proposta desta pesquisa, abordaremos dois casos de violência doméstica que acabaram com a morte de duas crianças: Isabella Nardoni e Henry Borel.

A violência doméstica se caracteriza pela ocorrência de algum tipo de violência entre os membros de um seio familiar. Essa violência pode acontecer entre membros que possuem laços sanguíneos ou não. No contexto familiar, a agressão contra crianças, (seja agressão física, emocional, verbal seja de outra forma) se enquadra no tipo de violência doméstica. Essa faixa etária, por ser vulnerável, pode-se tornar presa fácil de sujeitos violentos, uma vez que as crianças não apresentam um meio de defesa eficaz para lutar pela vida.

No dia 29 de março, de 2008, um crime brutal contra Isabella Nardoni choca todo o Brasil. Isabella Nardoni, uma criança de 5 anos, foi jogada pela janela do apartamento, do Edifício London, São Paulo. O pai da menina, Alexandre Nardoni, acusado de ter jogado a filha do 6º andar, afirmou, na época, ter entrando um ladrão no prédio e jogado o corpo de Isabella pela janela. Porém, segundo a perita do caso, Rosângela Monteiro, a dinâmica dos fatos é diferente da que alegou Alexandre Nardoni. Além disso, ele não teria agido sozinho; Anna Carolina Jatobá, esposa do acusado e madrasta da pequena Isabella Nardoni, teria asfixiado a criança.

Sobre isso, Edna Paula de Souza Querino Oliveira (2014), em sua monografia para obter título de Bacharel em Direito, escreveu:

O corpo de Isabella Nardoni, de acordo com a perícia, continha lesões, resultantes de traumatismos decorrentes de agressões materiais. Sobretudo lesões causadas pela asfixia por esganadura e pela queda do sexto do andar do Edifício London[...] A equipe de peritos concluiu que a versão do casal de que uma terceira pessoa teria invadido o apartamento deles, cortado a tela de proteção da janela, jogado Isabella pela janela, colocado os instrumentos cortantes no lugar de origem, limpo parcialmente as manchas de sangue [...] trancado a porta do apartamento e desaparecido sem deixar quaisquer vestígios, à luz da literatura de análise criminológica e da casuística criminal, é totalmente improvável. (OLIVEIRA, 2014, p. 49, 55).

Outro caso de violência doméstica aplicada a uma criança foi o caso de Henry Borel, de 4 anos. O fato aconteceu no apartamento onde morava o casal acusado pela morte do menino: Dr. Jairinho, padrasto de Henry, e Monique Medeiros, a mãe da vítima. O crime ocorreu no dia 8 de março, de 2021, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

A criança foi encontrada com diversas lesões pelo corpo. Para a polícia, o casal afirmou que o ocorrido era consequência de um acidente doméstico. Por outro lado, o IML (Instituto Médico Legal) afirma que as lesões graves encontradas no corpo de Henry Borel são incompatíveis com queda de cama, como disseram os suspeitos. Foi constatado que o menino sofreu uma hemorragia interna devido a uma laceração no fígado, por causa de uma ação contundente. Dr. Jairinho foi acusado de agredir Henry Borel; quanto a Monique Medeiros, segundo as investigações, omitia as agressões que o filho sofria.

Desta forma, tentando coibir crimes contra crianças e adolescentes, o ex-presidente Jair Bolsonaro sancionou, no dia 24 de maio, de 2022, a Lei Henry Borel. A lei é uma homenagem ao menino Henry Borel, morto de maneira brutal, vítima de violência doméstica. De acordo com essa lei, o homicídio contra menores de 14 anos passará a ser considerado crime hediondo.

Segundo o portal Senado Notícias:

Ao se tornar hediondo, o crime passa a ser inafiançável e insuscetível de anistia, graça e indulto. Além disso, o condenado fica sujeito a regime inicial fechado, entre outras consequências. (Agência Senado, 2022)

A Lei Henry Borel, também, oferece:

[...] medidas protetivas específicas para as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e familiar. (Agência Câmara Notícias, 2022).

Passaremos, a seguir, para a metodologia da pesquisa, a fim de expor como ela foi produzida.

## 4 METODOLOGIA

De acordo com a **natureza dos dados**, a presente pesquisa tem caráter **qualitativo**, uma vez que não apresentaremos expressões numéricas, gráficos, estatísticas, mas, descrições dos dados obtidos. Do ponto de vista do **delineamento**, este trabalho é de natureza **bibliográfica**.

O trabalho será desenvolvido a partir de duas entrevistas transmitidas pela televisão, porém, para a produção desta pesquisa, dirigir-nos-emos ao canal Youtube, onde também é possível encontrar o diálogo entre os entrevistados e os entrevistadores. Como componentes das duas entrevistas, encontram-se 2 casais acusados de assassinato de crianças, totalizando 4 participantes: dois homens e duas mulheres. Tais entrevistas não apresentam nenhuma ligação entre elas e ocorreram em anos distintos (2008 e 2021).

Após a visualização das duas entrevistas, o processo seguinte se dá com a transcrição das falas dos participantes, a fim de analisar os dados colhidos. Buscamos, por meio do *corpus*, compreender as estratégias patêmicas usadas pelos suspeitos para causar empatia no público ao tentarem provar inocência. Depois da análise das falas, é feita uma comparação entre as respostas dos acusados.

Para a extração dos dados, os participantes desta pesquisa não tiveram contato pessoal com os envolvidos no caso criminal, tampouco se comunicaram com os jornalistas responsáveis pelas entrevistas, visto que todos os dados são tirados unicamente do canal Youtube.

Na entrevista realizada no ano de 2008, para o programa Fantástico, da TV Globo, temos como entrevistados o casal Alexandre Nardoni e sua esposa, Anna Carolina Jatobá. Quanto à outra entrevista, realizada no ano de 2021, feita ao programa Domingo Espetacular, da Record TV, temos como participantes o casal Dr. Jairinho e Monique Medeiros.

Para a transcrição do *corpus*, não são transcritas todas as falas dos suspeitos ditas durante as entrevistas, mas somente as que nos interessam para a pesquisa, entretanto isso não traz danos à análise, visto que tivemos o cuidado de levar em conta o contexto das perguntas e respostas. Ademais, na transcrição dos dados são encontrados desvios gramaticais, uma vez que se trata de transcrição de um discurso oral. Este trabalho, também, não se ocupa em transcrever as pausas, as interrupções, as hesitações encontradas nas falas dos acusados.

Outra observação a ser feita se relaciona às perguntas dos entrevistadores. Suas falas também são transcritas, porém não as utilizamos como análise, visto que, para nossos dados, apenas as falas dos quatro acusados são relevantes.



Diante do que já foi exposto, passaremos, para a análise do *corpus*, a fim de investigar as estratégias de patemização que foram utilizadas pelos suspeitos que fazem parte desta pesquisa.

## **5 ANÁLISE DAS FALAS DE ACUSADOS DE ASSASSINATO DE CRIANÇAS, E A TENTATIVA DE PERSUASÃO.**

Este capítulo volta-se à análise qualitativa das respostas dos 4 acusados já citados anteriormente: (a) Dr. Jairinho e Monique Medeiros; (b) Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Por meio dos argumentos dados por esses suspeitos, buscamos entender o uso de estratégias linguístico-persuasivas usadas por eles para provocar no ouvinte o sentimento de empatia, com o intuito de persuadi-lo e fazê-lo acreditar na sua inocência.

A análise se divide em 3 categorias, que são: (1) adjetivos, (2) palavras/expressões/enunciados que podem provocar emoções e (3) argumentos repetidos que visam a persuasão.

A depender do conteúdo dos argumentos, eles serão enquadrados em uma das três categorias e analisados. Por fim, realizaremos a comparação entre as respostas dos quatro acusados, a fim de perceber se elas são similares ou não, ainda que os dois crimes não apresentem ligação entre si.

Vale salientar que, em uma única resposta dos acusados, é possível encontrar adjetivos, palavras/expressões/enunciados emocionais e argumentos repetidos. Assim, no decorrer da leitura, poderá ser encontrada a mesma argumentação em mais de uma categoria.

### **5.1 Adjetivos**

Utilizamos os adjetivos quando queremos caracterizar seres animados ou inanimados. A depender da escolha dos adjetivos, teremos uma percepção positiva ou negativa da pessoa ou do objeto. Por exemplo, se ouvirmos que determinado livro é bom, é quase certo que isso nos causará interesse em lê-lo, pois foi destacado dele sua boa qualidade. Por outro lado, se escutarmos que determinada obra é ruim e enfadonha, poderemos rejeitá-la, pois o uso desses dois adjetivos nos dá uma perspectiva negativa. Podemos dizer, então, que os adjetivos não apenas caracterizam, mas, também, podem oferecer pistas positivas ou negativas sobre o que está sendo qualificado.

Na categoria dos adjetivos, nosso objetivo é analisar se os acusados, durante as entrevistas, usaram grande quantidade de adjetivos, qualificando, direta e positivamente, a si próprios, a fim de preservar sua imagem e afirmar sua inocência. Para a realização da análise dos adjetivos, investigaremos segundo a estratégia *princípio de avaliação*.

O primeiro trecho abaixo pertence à acusada Monique Medeiros, mãe de Henry Borel.

Entrevistador: De zero a dez, qual é sua nota como mãe?

Monique Medeiros: Meu filho era maravilhoso, Cabrini. Aonde eu tava eu levava ele, eu não ia em nenhum lugar que ele não pudesse estar. Todos lugares que eu ia eram lugares propícios que ele pudesse estar.

Quando o jornalista da TV Record, Roberto Cabrini, pede para que Monique Medeiros responda qual nota ela daria a ela mesma como mãe, o que se espera é que ela use adjetivos para apontar suas qualidades como uma boa mãe, contudo Monique Medeiros não faz um elogio direto a sua pessoa, com adjetivos, mas aponta para o seu comportamento: como uma boa mãe, ela sempre estava com seu filho. Além disso, os lugares que os dois frequentavam eram lugares ideais para uma criança, segundo a suspeita: “Todos os lugares que eu ia eram lugares propícios que ele pudesse estar.” Percebemos, assim, em sua fala a estratégia *princípio de avaliação*, posto que Monique Medeiros avalia, segundo sua subjetividade, os lugares visitados por ela e seu filho. Dessa forma, ainda que não explicitamente, Monique Medeiros qualifica-se como uma boa mãe, podendo despertar o *sentimento de empatia* no público por ela.

Em uma parte da entrevista, após o jornalista Cabrini questionar Monique Medeiros sobre quem ou o que causou a morte de Henry, e ela dizer que não poderia especular algo que não havia visto, a acusada afirma que ajudou o filho no momento em que o encontrou caído no chão. Em seguida, a acusada começa a elogiar-se como uma boa mãe. Entretanto, como veremos a seguir, Monique Medeiros não se enaltece diretamente, ao contrário, ela se utiliza de terceiros para apontar seu bom caráter como mãe.

Analisamos a fala a seguir:

Monique Medeiros: [...] A polícia vai investigar, a polícia vai chegar na conclusão, eu tenho certeza disso. Tão dizendo que a gente é culpado, as pessoas apontando o dedo sem conhecer o meu caráter. As pessoas que me conhecem, quem me conhece sabe que eu jamais faria isso. A professora falava que ela nunca tinha visto uma mãe tão zelosa, tão cuidadosa. O menino nunca teve um arranhão, um roxo. Eu ia em todas as festas.

É válido notar que, na fala da acusada, não vemos o uso diretamente de adjetivos para elogiar-se, porém ela usa terceiros para validar seu bom caráter: “As pessoas que me conhecem, quem me conhece sabe que eu jamais faria isso.” Em sua resposta, notamos a presença da estratégia *o uso de terceiros para validação de argumentos*. É como se as pessoas que a conhecessem fossem testemunhas de sua índole, e isso pode servir como uma forma de garantir que Monique Medeiros está dizendo a verdade, gerando, conseqüentemente, o *sentimento de confiança* no ouvinte em relação a boa natureza materna de Monique Medeiros.

Por outro lado, quando Monique Medeiros usa os adjetivos “zelosa” e “cuidadosa”, não os usa da posição de 1ª pessoa do singular diretamente, mas o faz a partir da perspectiva de uma outra pessoa, da professora: “A professora falava que ela nunca tinha visto uma mãe tão zelosa, tão cuidadosa.”. Percebemos neste enunciado, além da estratégia *o uso de terceiros para validação de argumentos*, a presença da estratégia *princípio de avaliação*, pois, embora Monique Medeiros não se elogie diretamente ao usar terceiros para apontar sua boa qualidade, vemos sua subjetividade, seu ponto de vista em sua fala ao citar os adjetivos “zelosa” e “cuidadosa”. Ao usar essa estratégia, outra vez o *sentimento de confiança* pode ser aguçado no receptor.

Ainda que a acusada se elogie nas entrelinhas e apoie os seus argumentos na opinião de outras pessoas, isso não impede de enxergarmos que ela tenta comprovar ser uma boa mãe e, desta forma, seria incapaz de participar de um crime contra seu filho.

Essas não foram as únicas vezes em que Monique Medeiros utiliza outras pessoas como testemunhas de sua boa conduta moral, a fim de preservar sua imagem e garantir sua inocência. Desta vez ela usa o pai de Henry Borel para afirmar que ela é uma boa mãe.

Monique Medeiros: Ele (o pai biológico)<sup>1</sup> me conhece, ele sabe que eu não fiz nada. Eu sempre fui uma boa mãe, isso aí é incontestável, isso é incontestável. Você pode perguntar pra qualquer pessoa, qualquer uma, qualquer uma que conviveu conosco. Eu fazia de tudo por aquele menino [...]

Ainda que Monique Medeiros se apoie no que ela diz ser a opinião do pai de Henry sobre ela, enxergamos que em sua resposta há o elogio a sua própria pessoa, mesmo de forma subentendida.

No decorrer da entrevista, a mãe de Henry Borel aponta sua qualidade como mãe, fazendo um elogio direto à sua pessoa. Entretanto, se investigarmos de modo mais detalhado a

---

<sup>1</sup> Na entrevista, Monique Medeiros não diz, em sua resposta, o sintagma “o pai biológico”, contudo optamos por acrescentar essa informação para facilitar a compreensão da análise.

sua resposta, vemos que ela não deixa de mencionar outros indivíduos como espectadores de seu bom proceder.

Entrevistador: A senhora tem consciência do dilema que nós temos neste caso? Como um acidente doméstico poderia causar ferimentos tão graves? Essa é a pergunta mais importante aqui. A senhora tem consciência disso?

Monique Medeiros: Tenho consciência, Cabrini. Não fui eu, isso é impossível. Sempre fui uma mãe maravilhosa pro meu filho, eu era até em excesso. Eu tinha babá, tinha empregada dentro de casa, todos os dias elas estavam comigo. Elas poderiam ter visto qualquer tipo de ato meu contra ele [...]

O uso do adjetivo “maravilhosa” e do substantivo “excesso” constitui a estratégia *princípio de avaliação* por notarmos a avaliação que Monique Medeiros faz de si mesma. A escolha dessas duas palavras pode provocar no telespectador o *sentimento de afeição* pela acusada, se ele acreditar no que está sendo dito por ela. Como anteriormente, a suspeita utiliza-se de terceiros para sustentar sua argumentação. A estratégia o *uso de terceiros para validação de argumentos*, neste contexto, tem o potencial de produzir o *sentimento de confiança* no receptor, posto que a babá e a empregada seriam uma espécie de testemunhas oculares do bom comportamento de Monique, levando para sua resposta mais confiabilidade.

Analisando as respostas de Monique Medeiros, percebemos que a acusada não se apoia em adjetivos de forma recorrente, mas sustenta seus argumentos de ser uma boa mãe a partir da perspectiva que outras pessoas teriam sobre ela.

Não é somente Monique Medeiros que recorre a terceiros para confirmar seu bom caráter e trazer credibilidade ao seu discurso. O ex-vereador, Dr. Jairinho, afirma ser uma pessoa de índole e como tal não cometeria o crime de matar seu enteado, Henry Borel. Como poderemos ler a seguir em sua fala, ele não usa adjetivos apontados diretamente a si próprio, ao contrário, o suspeito usa outras pessoas como testemunhas de sua boa conduta, assim como o faz Monique Medeiros.

Analisemos sua fala a seguir:

Entrevistador: Até que ponto o senhor considera essa desconfiança legítima?

Dr. Jairinho: Eu acho completamente absurda, eu acho que ninguém pode imaginar que isso pode acontecer no seio de uma família. É unanimidade, todas as pessoas que me conhecem, todas as pessoas que me conhecem sabem da minha índole [...].

Se nos aprofundarmos na resposta do ex-vereador, encontramos algumas estratégias de patemização, gerando diferentes sentimentos no campo emocional do ouvinte. Primeiramente, o acusado avalia a desconfiança das pessoas a respeito do acontecimento como “absurda”.

Vemos o *princípio de avaliação*, por parte do acusado, isto é, enxergamos sua subjetividade a respeito da desconfiança que a população tem sobre a morte de Henry Borel.

Não sendo suficiente a escolha do adjetivo “absurda”, Dr. Jairinho menciona o advérbio “completamente”, no sintagma “Eu acho completamente absurda”. Tal estratégia de patemização, nominada como *expressões modalizadoras*, permite ao telespectador visualizar o ponto de vista do emissor. A *expressão adverbial modal* “completamente” modifica o termo “absurda”, uma vez que a desconfiança das pessoas sobre quem matou o menino Henry não é somente absurda, mas é totalmente, inteiramente absurda para o acusado. Esse enunciado pode produzir o *sentimento de certeza* no ouvinte e fazê-lo acreditar na resposta do ex-vereador.

Outra estratégia que encontramos no discurso acima é a estratégia *palavras/ expressões que desencadeiam emoção*. Ao dizer a expressão “seio de uma família”, o *sentimento de espanto* pode ser experimentado pelo ouvinte, dado que ninguém espera que um assassinato ocorra no âmbito familiar, sobretudo quando a vítima é uma criança indefesa.

Por fim, assim como fez Monique Medeiros, o ex-vereador Dr. Jairinho, também, esperar legitimar seu argumento e mostrar seu bom caráter por meio da estratégia *o uso de terceiros para validação de argumentos*: “todas as pessoas que me conhecem, todas as pessoas que me conhecem sabem da minha índole[...]”.

Focalizemos agora o casal Nardoni, suspeito de matar Isabella Nardoni. Abaixo está um trecho da entrevista dada por Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá ao jornalista Valmir Salaro (2008), no programa Fantástico. Buscamos investigar, nas citações a seguir, se em suas respostas esses dois acusados se apoiam em adjetivos positivos, qualificando diretamente a si próprios.

Entrevistador: Vocês estão sendo acusados de um crime grave. Como é suportar essa acusação?

Alexandre Nardoni: Olha, tá muito difícil isso, porque, sabendo como nós somos com os nossos filhos, e a nossa família também, nossos amigos sabendo como nós somos... a gente fomos sempre unidos, sempre se reunimos todos os finais de semana pra tá almoçando todos juntos. Sempre fomos família. Sempre almoçamos juntos, jantamos juntos. Todos unidos, entendeu? [...]²

Vemos que o acusado não usa adjetivos para qualificar a si mesmo ou a sua mulher diretamente. Ao contrário, ele qualifica a família, afirmando que tem uma família unida. Temos, assim, a estratégia *princípio de avaliação*, em razão de ele avaliar a família de acordo

² Na resposta de Alexandre Nardoni, não nos ficou claro a que família ele se refere (se à família em que ele nasceu ou à família que ele constituiu com Anna Carolina Jatobá). Para nós, nos pareceu uma resposta ambígua.

com sua subjetividade. Além disso, Alexandre Nardoni coloca em foco o comportamento familiar: segundo ele, sua família forma um quadro típico de um ambiente familiar idealizado, ou seja, todos felizes e unidos. Esse modelo de família construído por Alexandre Nardoni pode provocar um *sentimento de satisfação* no auditório, pois, na sociedade, o que se espera de uma família é que ela seja uma família que viva em união e, como alega o acusado, é assim que os membros de sua família vivem.

Embora Alexandre Nardoni abra mão de adjetivos, isso não nos impede de notar que ele atribui qualidade à família e, conseqüentemente, espera que o público entenda que ele, por nascer em um seio familiar onde todos são ligados um ao outro, seria incapaz de matar sua própria filha.

Investigando um pouco mais a fala acima, o acusado cita terceiros para garantir que ele e sua esposa são pessoas idôneas: “nossos amigos sabendo como nós somos”, isto é, neste fragmento encontra-se a estratégia *o uso de terceiros para validação de argumentos*. Assim, o casal Nardoni deseja convencer o ouvinte de que ele e sua esposa apresentam um bom comportamento diante da sociedade e, talvez, fazer o público sentir empatia por eles.

Em outra parte do colóquio, Alexandre Nardoni apresenta seus argumentos, indicando, não explicitamente, suas boas qualidades, e, para isso, outra vez, ele sustenta sua resposta a partir da percepção que os outros têm dele e de sua esposa, na sua opinião.

Entrevistador: Vocês passaram uma semana presos, acusados de um crime que vocês afirmam que são inocentes, que não praticaram. Como foi essa semana na cadeia pra vocês, que nunca tiveram contato com esse mundo?

Alexandre Nardoni: “Olha, não tem nem como explicar isso, viu. É uma coisa assim que nós estamos passando, não só de termos ficado presos, mas muitas outras coisas, assim, que tão julgando a gente por uma coisa que nós não fizemos. Então, não tem nem como explicar isso. As pessoas que conhecem a nossa família, que estão próximos da gente... Por isso que nós estamos tentando explicar para o Brasil mais ou menos como nós somos, como nossa família é, porque as pessoas não conhecem. As pessoas que estão próximas da gente sabem como nós somos, sabem que isso, meu, não existe”.

Após a análise das falas dos acusados transcritas acima, é possível chegar à conclusão de que os quatro entrevistados não usam, na maior parte de suas falas, adjetivos positivos, caracterizando diretamente a si próprios. De forma predominante, esses suspeitos recorrem a outras pessoas como testemunhas de que eles são de bom caráter e, por isso, seriam incapazes de matar uma criança. Essa estratégia linguístico-persuasiva de recorrer a outros indivíduos para afirmar sua moral é uma espécie de “*modus operandi*” destes acusados, uma vez que eles repetem o mesmo discurso durante a entrevista, isto é, as pessoas que os conhecem sabem que cada um deles apresentaria um procedimento exemplar, segundo os quatro suspeitos.

## 5.2 Palavras/expressões/enunciados que podem provocar emoção

Quando nos comunicamos, podemos provocar no nosso interlocutor emoções de diferentes tipos, a depender do conteúdo da conversa. Um indivíduo que deseja provocar a patemização em seu público, isto é, deseja produzir algum tipo de emoção/sentimento pode escolher, de forma intencional, palavras que poderão cumprir esse objetivo. Nesse campo da patemização, há léxicos que “descrevem de maneira transparente emoções (alívio, esperança, certeza, consolo, otimismo, tristeza [...])” (GOUVEA, 2017, p. 916). Há, entretanto, palavras que não pertencem ao universo de termos claramente emocionais, mas que podem provocar da mesma maneira algum sentimento no interlocutor, a depender do contexto.

Neste espaço, queremos investigar se os acusados usam palavras/expressões/enunciados de caráter emocional para criar no receptor o sentimento de empatia por eles e convencê-lo de sua inocência.

Partimos à primeira fala, a qual pertence à Monique Medeiros:

Monique Medeiros: Como eu ia fazer mal a meu filho, meu próprio filho, meu único filho?

Monique Medeiros argumenta sobre a sua impossibilidade de fazer mal ao filho. Ao analisar sua fala, não vemos palavras que estão ligadas diretamente ao universo emocional, entretanto, percebemos duas expressões que podem provocar emoção no receptor: “meu próprio filho” e “meu único filho”. Assim, encontra-se nesta resposta a estratégia *palavras/expressões que desencadeiam emoção*.

Se analisarmos de maneira mais minuciosa a fala acima, notamos que Monique Medeiros usa dois termos que podem provocar um impacto ainda maior no interlocutório: próprio e único. Quando a suspeita utiliza essas duas palavras, ela pode gerar um *sentimento de tristeza* em quem a ouve, uma vez que Henry Borel era seu próprio filho, ou seja, havia saído de dentro dela, tinha seu sangue. Monique Medeiros vai além em seu argumento quando diz que Henry Borel era seu único filho. Dessa maneira, o público poderá sentir a dor que ela diz passar, pois o menino não era só seu filho, era seu único filho e, como tal, a dor de perder um único filho é imensurável.

As escolhas lexicais são essenciais na arte da persuasão. Talvez se Monique Medeiros não dissesse os adjetivos “próprio” e “único” o efeito sentimental e a persuasão do ouvinte poderiam não ser tão eficazes. Sobre o fato de a escolha das palavras estar ligada ao ato de convencimento, Ana Carolina Mrad de Moura Valente diz:

Quando nos referimos às “emoções” do discurso, ou seja, às “emoções” sendo passadas através do discurso, lembramos logo da ideia de *pathos* apresentada pelo filósofo Aristóteles. Nesse sentido, pensamos que essas emoções emanam do discurso a partir de recursos linguísticos sem qualquer pragmaticidade. No entanto, o *pathos* ou *construção patêmica* de um discurso é, na verdade, a racionalização das emoções e dos sentimentos, visto que cada recurso linguístico ou extralinguístico é pensado muito detalhadamente e tem por objetivo causar determinada emoção no seu interlocutor. A escolha vocabular auxilia no efeito patêmico desejado, as pausas na fala, os exemplos citados, todo o discurso é construído pensando em um objetivo específico a ser atingido. (VALENTE, 2014, p. 242-243)

Mais à frente da entrevista, Cabrini questiona Monique se, depois do ocorrido, ela e o pai biológico do garoto entraram em contato. Após ela responder que os dois não se falaram, a acusada afirma que ele apenas a procurou para resolver as questões do velório e enterro. Na fala a seguir, leremos os argumentos que Monique usa querendo causar no receptor o *sentimento de compaixão*, pois ela utiliza termos que podem provocar no ser humano a tristeza, o pesar quando o assunto se trata de velório, e, mais ainda, quando uma mãe enterra um filho de apenas 4 anos.

Monique Medeiros: “Ele (o pai biológico)<sup>3</sup> falou: Monique, vou resolver os assuntos da delegacia e do IML, e você resolve todos os assuntos do enterro. Então, eu fiquei com a parte de pegar meu filho, de arrumar meu filho, de ver jazigo, de ver enterro. Eu fiquei com essa parte. Isso era o que eu tinha que fazer, era minha missão. Acho que foi a pior missão.”

Não traz a sensação de conforto para nenhum indivíduo ouvir palavras de significado sombrio, como “IML”, “enterro”, “jazigo” e a sensação de desconforto pode ser maior quando essas palavras se conectam a uma criança.

É possível ver em sua resposta a estratégia *palavras/expressões que desencadeiam emoção*. Outrossim, vemos a estratégia *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes* no telespectador “[...] era minha missão. Acho que foi a pior missão.”. Essas estratégias são capazes de atingir o sistema emocional do ouvinte e provocar nele o *sentimento de pena* quando a acusada afirma que a missão de resolver os assuntos do velório foi, segundo Monique Medeiros, sua pior missão. Assim, o além do *sentimento de pena*, o *sentimento de empatia* pela acusada também pode ser atingido, por parte do telespectador.

Alexandre Nardoni também narra o momento em que precisou resolver as situações do enterro de sua filha, Isabella Nardoni. O trecho a seguir, o qual o acusado produz em meio às lágrimas, se caracteriza como um forte discurso emotivo. Além do choro, ele utiliza palavras

<sup>3</sup> Mais uma vez, a acusada não diz o sintagma “o pai biológico” em sua resposta, mas preferimos escrevê-lo para facilitar a compreensão da análise.



mórbidas, como “enterro”, “velório” e “necrotério”, ao mesmo tempo em que usa substantivos no diminutivo, como “princesinha” para expressar carinho pela filha. Esta parte da entrevista é longa, por isso, optamos por escrever apenas algumas partes da fala de Alexandre Nardoni, mas isso não prejudica a capacidade de enxergarmos seu discurso como sendo um discurso circundado de melancolia e tristeza excessivas, podendo gerar emoção no ouvinte.

Alexandre Nardoni: No dia que teve o velório da minha filha, que nós chegamos lá depois de ter saído da delegacia, eu fiz uma promessa pra ela, em cima do caixãozinho dela, que eu não ia ficar sossegado enquanto não encontrar o assassino que fez isso com ela, que fez essa brutalidade com ela. E falei pra ela que, enquanto isso não acontecesse, eu ia tá indo atrás. Eu falei pra ela: “Filha, o papai vai prometer uma coisa pra você, o papai não vai sossegar enquanto não encontrar o assassino que fez isso com você, essa brutalidade. E quando ela foi enterrada, também, eu queria entrar junto com ela dentro da onde ela foi enterrada, assim. Pra mim ali, eu queria tá junto com ela, morrer junto com ela, eu queria se jogar junto com ela, porque, pra mim ali, a minha vida tava toda indo ali [...]. Prometi, também, pra ela, que ia tá fazendo uma tatuagem do rostinho dela e isso vou fazer [...]. Eu vendo ela ali, sendo enterrada, as pessoas jogando areia em cima dela ali. Eu não consigo entender, porque, ao mesmo tempo, no sábado, nós estávamos na piscina, brincando, andando de moto, correndo, jogando bola, daqui a pouco (ininteligível) ela tá no necrotério, e eu lá no velório, e as pessoas enterrando ela [...]. Eu não consigo imaginar a minha vida sem ela agora, entendeu? Como vai ser, porque a minha a vida acabou completamente sem a minha filha, sem a minha princesinha[...].”

Conforme Patrick Charaudeau, é possível enquadrar o discurso acima no modo narrativo, pois, claramente, a finalidade de Alexandre Nardoni é narrar uma sequência de fatos.

Aprofundando-se na investigação do argumento do pai de Isabella Nardoni, concluímos que o acusado deseja aguçar o *sentimento de comiseração* do público por ele, e o faz ao mencionar palavras e enunciados melancólicos. Assim como disse Monique Medeiros, Alexandre Nardoni utiliza as palavras “velório”, “enterro” e “necrotério”, e esses vocabulários podem causar um sentimentalismo maior no ouvinte por estarem se referindo a uma criança. Ademais, a sensação de comoção de quem ouve a entrevista pode se despertar ao imaginar areia caindo sobre a menina sem vida, conforme narra o acusado: “Eu vendo ela ali, sendo enterrada, as pessoas jogando areia em cima dela ali.”. Outros *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes* foram localizados na fala de Alexandre Nardoni. São eles: “E quando ela foi enterrada, também, eu queria entrar junto com ela dentro da onde ela foi enterrada, assim. Pra mim ali, eu queria tá junto com ela, morrer junto com ela[...].” Todo esse fragmento tem a capacidade de atingir o emocional do ouvinte e fazer o público sentir-se emocionado diante do discurso do acusado.

Além do sentimento de piedade que o acusado quer gerar no público, o *sentimento de justiça* também pode ser outra emoção que ele pode produzir ao fazer uma promessa à filha. Encontramos essa espécie de juramento na estratégia *enunciados que podem produzir efeitos*

*patemizantes*: “[...] eu fiz uma promessa pra ela, em cima do caixãozinho dela, que eu não ia ficar sossegado enquanto não encontrar o assassino que fez isso com ela, que fez essa brutalidade com ela.”. Quando algum crime surpreende o país e chama a atenção da mídia, como ocorreu com o caso da menina Isabella Nardoni, o que a população espera é que o caso seja resolvido e a justiça, feita. Desta forma, Alexandre Nardoni, ao prometer que ele não se aquietará enquanto não encontrar o assassino de sua filha, pode fazer com que o telespectador compartilhe com ele o *sentimento de justiça* pela criança. Ou seja, a população poderá acreditar que Alexandre Nardoni não é culpado pelo assassinato de Isabella Nardoni, uma vez que ele próprio quer justiça em favor de sua filha.

Ao longo dessa fala de Alexandre Nardoni, notamos três diminutivos presentes: caixãozinho, rostinho e princesinha. O uso do diminutivo vai além da questão de tamanho; dependendo da finalidade, ele poderá ser empregado para realizar diferentes funções e uma delas é demonstração de afeição. Ao citar “caixãozinho”, “rostinho” e “princesinha”, termos que constituem *palavras/expressões que desencadeiam emoção*, o acusado pode estar querendo demonstrar ao interlocutório sua afetividade e carinho que ele diz ter pela filha. Assim, concluímos que o diminutivo, neste contexto, é uma tentativa de persuasão, pois ao escolher usar o diminutivo, Alexandre Nardoni espera persuadir o público de seu carinho e ternura por Isabella e, assim, passar ao público uma imagem de um pai incapaz de agir mal contra sua filha que, segundo ele, é sua princesinha.

Por fim, há dois vocábulos que formam a estratégia *palavras que designam calamidades*: “assassino” e “brutalidade”. Essas duas palavras pertencem ao conjunto de termos que designam atitudes contra a vida e elas podem provocar o *sentimento de temor* no público, dado que são ações contra a vida humana.

Abaixo encontramos outro diálogo de Alexandre Nardoni com o jornalista do programa Fantástico. Vemos nestes argumentos palavras similares ao do discurso analisado acima, isto é, palavras ligadas ao campo da morte.

Entrevistador: Vocês não mataram a Isabella?

Alexandre Nardoni: Nós nunca nem levantamos um dedo pra ela. Isso não existe (ininteligível) isso é uma coisa que não existe. A Isabella era tudo na nossa vida, tudo, tudo. Quando a médica veio, falando pra mim que ela tinha falecido [...] aquilo pra mim, não tinha mais chão, não tinha mais nada, assim [...]. Outra cena depois, também, que eu tive que entrar no necrotério pra tá vendo ela, pra mim aquilo ali me marcou de uma tal maneira que toda vez que eu fecho o olho, assim, vem a imagem dela, e, ao mesmo tempo, eu tenho a imagem dela, brincando, assim, a gente na piscina, andando de moto, a gente brincando de correndo, de pega-pega, jogando bola [...]

A mente humana é capaz de produzir imagens mentais conforme um indivíduo narra alguma situação. Por exemplo, se contarmos que alguém foi assaltado por um ladrão na saída de um banco é possível nossa cognição criar imagens da situação narrada, mesmo que não tenhamos visto o ocorrido. Da mesma maneira, quando Alexandre narra a sua ida ao necrotério e conta sobre vida de Isabella como uma criança que brincava, andava de moto, jogava bola, ele produz imagens distintas na mente do público: uma imagem fúnebre e outra alegre, respectivamente.

Duas estratégias de patemização são encontradas na fala de Alexandre Nardoni. Há, em primeiro lugar, a estratégia *palavras/expressões que desencadeiam emoção* localizada na expressão “não tinha mais chão”, uma expressão popular, usada para exemplificar quando alguém parece estar com a vida desequilibrada/desorientada devido a uma situação difícil. Outra estratégia encontra-se em todo enunciado sublinhado, o qual se encaixa na estratégia *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*. Ao escutar todo o discurso acima, o ouvinte pode ter sua emoção estimulada e sentir-se comovido. Nas duas falas de Alexandre Nardoni investigadas acima, percebemos a incompatibilidade entre a morte e a imagem de uma garotinha cheia de vida, entusiasmo e energia.

Imaginemos, agora, um conjunto com 3 palavras: madeira, assassinato e parede. Se perguntássemos para algumas pessoas qual palavra lhes desperta alguma emoção, é quase certo que diriam “assassinato”, e isso porque há palavras que podem provocar sensações e outras nem tanto (como “parede” e “madeira”). Sobre isso, o doutor Robert Hare, um dos nomes mais importantes da psicologia criminal e especialista em psicopatia, aponta em seu livro (2013) *Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós* sobre a capacidade de certos léxicos causarem mais emoção no ouvinte do que outros. Segundo ele:

[...] as palavras neutras<sup>4</sup> geralmente fornecem menos informação do que as emocionais: a palavra PAPEL, por exemplo, tem um sentido formal, enquanto a palavra MORTE tem um sentido formal *mais* um significado emocional e conotações desagradáveis. As palavras emocionais têm mais “energia” do que as outras. (HARE, 2013, p.138)

É nítido que palavras que carregam um peso emocional causarão maior impacto. Sob esse viés, quando Monique Medeiros e Alexandre Nardoni proferem palavras de cunho emocional, como “morte”, “velório”, “necrotério”, “jazigo,” ou palavras que não pertencem

---

<sup>4</sup> “Palavras neutras”, neste contexto, referem-se a palavras que podem não despertar sensações/emoções.

explicitamente ao universo emocional, mas que são capazes de desencadear sentimentos, eles esperam despertar emoções e, assim, garantir do público o sentimento de empatia por eles.

Prosseguindo com a análise de palavras/expressões/enunciados emocionais, veremos a seguir como os quatro acusados argumentam sobre as acusações de assassinato que recaem sobre eles, acusações essas que, de acordo com os suspeitos, não têm fundamento. Partiremos, em primeiro lugar, para a fala do ex-vereador, Dr. Jairinho.

Entrevistador: Como é que o senhor define este momento da sua vida?

Dr. Jairinho: Cabrini, é o pior momento da minha vida. A gente não podia tá passando por uma tormenta maior. Nunca imaginei, nos meus piores pesadelos, tá passando por um momento que a gente tá passando. Nunca achei que ia passar por isso na minha vida.

Entrevistador: O senhor cometeu erros nessa tormenta?

Dr. Jairinho: Claro que não. Eu posso ter cometido erros pela minha vida, mas com certeza, eu tenho certeza, que não merecia tá passando por esse momento que eu tô passando. A Monique tá sendo muito atacada, isso me machuca muito, tá machucando muito aqui a nossa família.

Entrevistador: Que tipo de ataque tem machucado mais?

Dr. Jairinho: No momento que nós esperávamos viver o luto, de passar por isso, vem uma avalanche em cima da gente de questionamentos, enfim, acerca disso que eu acho legítimo acontecer, mas tem machucado muito a gente.

A fala do Dr. Jairinho revela seu ponto de vista sobre a morte de Henry Borel: para o acusado, ele e Monique Medeiros não merecem estar enfrentando as acusações que têm sofrido. Vemos, nas entrelinhas, que o ex-vereador acredita estar passando por uma injustiça. Ele usa palavras e expressões capazes de provocar no interlocutor *sentimentos de comiseração* por ele e pela mãe do menino. Podemos citar algumas, como: “pior momento da minha vida”, “tormenta”, “piores pesadelos”, “uma avalanche em cima da gente de questionamentos.” Todos esses exemplos se enquadram na estratégia *palavras/expressões que desencadeiam emoções* e podem influenciar a parte emocional do receptor.

Além das palavras/expressões mencionadas, o enunciado “não merecia tá passando por esse momento que eu tô passando. A Monique tá sendo muito atacada, isso me machuca muito, tá machucando muito aqui a nossa família.” também tem a capacidade de comover o público, uma vez que todo esse excerto se caracteriza como *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*. Outra palavra capaz de despertar a comoção do receptor é o vocábulo “luto”, o qual pertence à estratégia *palavras que descrevem de modo transparente emoções*.

Se continuarmos investigando a resposta do ex-vereador, encontramos outra estratégia de patemização: as *expressões modalizadoras*. Essa estratégia permite compreendermos o posicionamento do falante diante do que está sendo dito. Na oração modalizadora “eu tenho certeza”, Dr. Jairinho deseja dizer que, seguramente, o momento que ele e Monique Medeiros

estão enfrentando não é merecido por ambos. Dr. Jairinho pode estar querendo eliminar qualquer resquício de dúvidas na mente do receptor a respeito da morte de Henry Borel. A partir dessa oração modalizadora, o público pode sentir-se seguro ante os argumentos do acusado, por isso, o *sentimento de segurança* pode ser produzido no ouvinte.

Mediante sua fala, podemos entender que Dr. Jairinho pode estar querendo mostrar a dor da suposta injustiça que os dois estão sofrendo por parte da polícia e até mesmo da população. Ele diz, ainda, que essa injustiça machuca toda a família. Todo esse discurso pode gerar no ouvinte o *sentimento de empatia* por eles estarem enfrentando não só o luto, mas a injustiça em um momento de dor. Dessa forma, pode haver a dúvida ou, quem sabe, até o convencimento do ouvinte de que o casal não faz parte do crime.

O casal Nardoni também apresenta um discurso similar ao discurso de Jairinho, ao serem questionados de sua participação no assassinato de Isabella Nardoni.

Entrevistador: Como é que vocês veem essa acusação tão violenta da polícia, dizendo que vocês mataram a Isabella?

Anna Carolina Jatobá: Isso dói, isso dói.

Alexandre Nardoni: Isso acaba com a gente porque a nossa vida já acabou, acabaram com as nossas vidas. Destruíram nossa família [...]. destruíram a nossa vida praticamente.

Anna Jatobá: Destruíram nossa família.

Não vemos diferenças entre as respostas de Dr. Jairinho e o casal Nardoni. O pai e a madrasta de Isabella Nardoni também usam *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, provocando emoções no telespectador, uma vez que, segundo alegam os acusados, suas vidas estão destruídas. A palavra “família” surge no discurso de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá, assim como apareceu na fala de Dr. Jairinho. A imagem de uma família sendo destruída por uma suposta investigação equivocada da polícia pode produzir no ouvinte os mesmos sentimentos já mencionados antes: *sentimento de empatia* pelo casal e *sentimento de tristeza* pela dor do luto.

Durante o colóquio entre o casal Nardoni e o jornalista Valmir Salaro, Anna Carolina Jatobá deixa claro seu ponto de vista sobre a morte de Isabella Nardoni. Outra vez, para a acusada, ela e seu marido estão sendo julgados injustamente. Veremos a seguir palavras que podem despertar emoções no ouvinte.

Repórter (fantástico). “Como vocês estão se sentindo depois da morte da Isabella, uma morte tão trágica?”

Anna Carolina Jatobá: Doendo muito, com tudo, com o que a população fala a nosso respeito, com o pré-julgamento e pela própria população ter condenado a gente, sendo que nós somos totalmente inocentes.

É possível ver que a acusada espera passar emoção ao ouvinte quando ela afirma que está sendo doloroso sofrer um pré-julgamento, o qual, segundo Anna Carolina Jatobá, não é justo por eles serem inocentes. Entretanto, analisando de forma mais detalhada sua resposta, percebemos a ocorrência da estratégia *expressões modalizadoras*, por meio das *expressões adverbiais modais* “muito” e “totalmente”, as quais ela utiliza para intensificar sua inocência e produzir no receptor o *sentimento de empatia* em relação a ela e a Alexandre Nardoni.

A respeito do advérbio *muito* na fala da acusada, este advérbio expressa a intensidade da dor que ela diz sentir (doendo muito). Isto é, não basta apenas dizer que a morte da criança está lhe causando dor; dizer que está *doendo muito* provoca um efeito maior no leitor. Não é uma simples dor, mas uma dor intensa. Esse advérbio modifica, então, o tipo de dor que, de acordo com Anna Carolina Jatobá, ela experimenta.

O segundo advérbio *totalmente* modifica o adjetivo *inocentes* (totalmente inocentes). Segundo o Dicionário Online de Português, o advérbio *totalmente* significa: de maneira total; por completo ou por inteiro; completamente. Transferindo esses significados à fala de Anna Carolina Jatobá, entendemos que a acusada deseja convencer as pessoas de que ela e seu esposo são inocentes por completo. Sabemos que existem duas possibilidades quanto à inocência: ou a pessoa é inocente ou não o é; não há “meio inocente” ou “inocente pela metade”. Entretanto, ao usar o sintagma *totalmente inocentes*, a suspeita quer reforçar a afirmação de que os dois acusados são insuspeitos, que merecem confiança, que seriam incapazes de cometer tamanha crueldade com uma criança.

Esta resposta de Anna Carolina Jatobá ao repórter pode ser encaixada no *comportamento elocutivo*, proposto por Patrick Charaudeau. Esse comportamento envolve apenas o locutor, na medida em que ele expõe o modo como sente e vê a situação pela qual está passando. Assim, com a escolha dos advérbios “muito” e “totalmente”, Anna Carolina Jatobá (interlocutora) espera produzir um efeito no receptor, isto é, gerar nele um *sentimento de empatia* e, talvez, convencê-lo de que as acusações da população são injustas e sem fundamento.

Continuando com as análises de *palavras/expressões/enunciados que podem provocar emoção*, abaixo encontra-se a fala de Alexandre Nardoni, o qual alega não entender o porquê do assassinato de sua filha.

Entrevistador: Por que alguém agiria com tanta brutalidade?

Alexandre Nardoni: É o que nós se pergunta também. A gente fica analisando, assim, parando pra pensar “Como alguém poderia fazer isso com uma criança? Principalmente com a Isabella, que é uma criança dócil, é uma criança, assim, alegre, é uma criança, assim que aonde chega conquista a todos. É uma criança, assim, que

sempre estava sorrindo, todos os momentos. É uma criança que era difícil você ver ela chorando por algum motivo, sempre alegre [...]

O pai cita características da filha, características, talvez, idealizadas, para mostrar que não há explicação para o crime contra uma criança. Notamos em sua fala *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*. Um exemplo dessa estratégia está no sintagma “Como alguém poderia fazer isso com uma criança?”. Quando ocorre um crime brutal, comumente a sociedade sente-se perplexa diante do fato, especialmente se a vítima for uma criança, por ser uma vítima vulnerável, incapaz de defender sua integridade física. Dessa forma, Alexandre Nardoni pode despertar o *sentimento de compaixão* no público ao dizer que uma criança, cuja personalidade é agradável a todos e que vivia sempre alegre, não merecia tal brutalidade. Ou seja, ele quer persuadir o público de que não havia razão para a filha ser assassinada e, portanto, ele espera que o telespectador creia que ele também não mataria a própria filha.

Em um dado momento da entrevista, o casal Nardoni afirma que o quarto de Isabella Nardoni, construído no apartamento de Alexandre Nardoni, havia sido feito conforme o desejo da filha. Durante a fala, Anna Carolina Jatobá foca na estrutura do quarto, na cor, resumindo, o seu foco está no material. O pai da criança, por sua vez, dirige o seu argumento para a área sentimental, a fim de mostrar o amor que diz sentir pela menina.

Anna Carolina Jatobá: [...] ela queria um quarto lilás, aí a gente foi e mandou fazer um quarto todo lilás. Tudo o que ela queria, sempre ela teve, tudo. Da maneira que ela quis o quarto a gente decorou do jeitinho que ela quis.

Alexandre Nardoni: Não só em material, mas em amor também, assim. O meu amor por ela, assim, é uma coisa inexplicável, pelos meus filhos. Meus filhos pra mim é tudo na minha vida. Como eu posso dizer? Se eu pudesse não trabalhar pra ficar com eles o tempo inteiro, eu faria isso, entendeu? [...]

Podemos ver a estratégia *palavras que descrevem de modo transparente emoções* na fala de Alexandre Nardoni, empregada no substantivo “amor”. O acusado tenta demonstrar, por meio de sua resposta, o amor que sente por seus filhos. Esse amor que ele diz sentir pela Isabella Nardoni é algo que não se pode se expressar por palavras, conforme os *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, sublinhados acima. Seu amor parece ser perfeito, incondicional, sem medida, a ponto de querer estar com os filhos o tempo todo.

Depois de ouvir o discurso sobre o amor ilimitado pelos filhos de Alexandre Nardoni, Anna Carolina muda seu argumento e, também, recorre ao sentimentalismo. Agora seu foco não é mais o material, mas o amor que ela diz ter pela enteada, um amor que é comparado ao amor que ela tem pelos filhos biológicos.

Anna Carolina Jatobá: O amor que eu sinto pela Isa vai ser eterno. Eu amo ela pro resto da minha vida, do mesmo jeito que amo meus filhos.

Diante de tudo que expomos, podemos perceber que as estratégias patêmicas usadas pelos quatro acusados têm potencial para provocar, no receptor, emoções capazes de gerar nele um sentimento de empatia em relação aos suspeitos. Como consequência, se o telespectador for capaz de colocar-se no lugar dos quatro acusados e sentir a dor que eles alegam sentir, os suspeitos poderão ter seu alvo atingido: persuadir o público de que os quatro acusados por assassinato infantil são inocentes.

A seguir, partiremos para a última parte de nossa análise: os argumentos repetidos com que visam a persuasão.

### 5.3 Argumentos repetidos que visam a persuasão.

A repetição é um dos elementos próprios da oralidade, mas, na linguagem escrita, ela pode provocar um efeito diferente, causando a sensação de estarmos diante de um texto enfadonho, sem variação lexical ou, ademais, o texto pode passar a impressão de que, quem o escreveu, não tem um largo repertório lexical. Além disso, a oposição entre a oralidade e a escrita se dá porque é durante a fala que o texto oral vai sendo formulado “face a face na interação entre os falantes e seu(s) interlocutor(es).” (ANDRADE, 2010, p. 1).

A repetição em um texto escrito pode ser eliminada, planejada e/ou ser vista, inclusive, como um recurso literário. No que diz respeito à repetição na oralidade, ela pode exercer diferentes funções, como a de intensificar, a de esclarecer alguma dúvida, a de persuadir *etc.* Nesta pesquisa, focalizaremos a repetição de argumentos com a finalidade da persuasão do interlocutor. Sobre isso, em seu texto *Parece Igual, mas é Diferente: a Repetição como Função Persuasiva na Linguagem Oral* (2010), Andrade argumenta que:

Ao contrário do que muitos podem imaginar, a repetição não é um erro ou uma falha na linguagem, ela pode ser [...] um recurso utilizado pelo falante com a finalidade de persuadir seu(s) interlocutor(es). (ANDRADE, 2010, p. 2)

Andrade continua:

A repetição é, certamente, o recurso mais empregado na linguagem oral, justamente por fazer parte desse processo de planejamento da fala: enquanto repete vocábulos, o falante organiza mentalmente as ideias para proferi-las em seguida. As repetições são marcas do texto em formação, são meios pelos quais o falante se utiliza a fim de levar



o interlocutor a compreender seu enunciado e nele acreditar. (ANDRADE, 2010, p. 2)

Partiremos, neste momento, para os argumentos repetidos dos quatro acusados. Enquanto investigávamos o *corpus*, reparamos que, dentro do campo da repetição de argumentos, surgiu outra estratégia, a qual é recorrente: *invocação do sobrenatural*. Abordaremos mais sobre essa estratégia adiante. Por ora, veremos a estratégia de patemização *argumentos repetidos que visam a persuasão*.

A primeira análise pertence às falas de Monique Medeiros ditas em diferentes partes da entrevista.

Entrevistador: A senhora encobriria alguém?

Monique Medeiros: Nunca. Isso não existe.

Entrevistador: A pergunta que o Brasil faz nesse momento é: estamos diante de um acidente doméstico ou de um assassinato?

Monique Medeiros: Não existe assassinato, Cabrini, pelo amor de Deus. Era meu filho, meu único filho. Não existe isso, não tem essa possibilidade de acontecer.

Entrevistador: Até que ponto a senhora pode ter descontado alguma irritação sua no seu filho?

Monique Ribeiro: Nunca. Nunca. Cabrini, isso não existe, isso não existe, isso não existe. Não existe essa hipótese.

Quando lemos as falas transcritas acima, vemos que Monique Medeiros repete o argumento “isso não existe” ou sintagmas similares, como “não existe isso” e “não existe essa hipótese”. Por meio da estratégia *argumentos repetidos que visam a persuasão*, Monique Medeiros espera convencer o público de que ser acusada de participar da morte do filho é algo descabido e absurdo, afinal, como ela mesma afirma na resposta acima, Henry Borel era seu único filho.

Em determinado trecho da entrevista, Monique Medeiros recorre, mais uma vez, à estratégia da repetição para deixar em evidência o seu comportamento como mãe.

Monique Medeiros: Eu sempre fui uma boa mãe, isso aí é incontestável, isso é incontestável. Você pode perguntar pra qualquer pessoa, qualquer uma, qualquer uma que conviveu conosco.

Por meio dos sintagmas repetidos acima, Monique Medeiros busca reforçar, ao ouvinte, o seu argumento sobre sua natureza materna. Ela quer tirar qualquer tipo de dúvida que exista acerca de seu comportamento quando repete ser incontestável seu bom proceder como mãe. Vemos, também, a ênfase que a acusada dá ao repetir três vezes que qualquer pessoa que

conviveu com eles sabe, segundo Monique Medeiros, que ela era uma boa mãe para Henry Borel, gerando no espectador o *sentimento de confiabilidade* ante sua resposta.

Prosseguindo com a análise, a seguir, leremos alguns trechos do Dr. Jairinho em que o ex-vereador repete, em diferentes trechos da entrevista, o nome de Deus. Dessa maneira, em meio aos seus argumentos repetidos, percebemos o uso da estratégia *invocação do sobrenatural*.

Em uma parte do colóquio, o entrevistador Roberto Cabrini faz uma relação entre a cama de onde o menino supostamente caiu e os graves ferimentos encontrados na vítima. Segundo as investigações, essas graves lesões são incompatíveis com um acidente doméstico, como dizem ser os acusados. Desta forma, o jornalista Cabrini deseja que Dr. Jairinho, por meio dos conhecimentos médicos que o acusado tem, diga que conclusão ele tem sobre os ferimentos. O suspeito, por sua vez, para negar sua participação no assassinato, recorre ao nome de Deus.

Dr. Jairinho: “Olha só, a medicina não é matemática, Cabrini. Eu prefiro deixar pros médicos legistas, pra polícia, pra poder descrever o que aconteceu. Tenho certeza, presta atenção, eu tenho certeza, diante de Deus, que a verdade será estabelecida.”

É possível notarmos duas estratégias de patemização na resposta do acusado. Primeiramente, em seu discurso, está presente a estratégia *argumentos repetidos que visam a persuasão*: tenho certeza. Com a repetição desse sintagma, o ex-vereador pode estar querendo mostrar-se seguro de sua resposta. Posteriormente, vemos a estratégia *invocação do sobrenatural*, quando o suspeito menciona o sintagma “diante de Deus”. Ao usar Deus como testemunha, Dr. Jairinho quer causar no ouvinte o *sentimento de segurança*, pois usar o nome de um ser divino pode trazer ao discurso credibilidade.

Contudo, não é só nesse momento que o ex-vereador usa o nome de Deus para creditar seus argumentos. A seguir, vemos outra vez o acusado recorrendo ao nome de Deus para gerar veracidade e reforço em seu discurso:

Entrevistador: O senhor, é, no mínimo, uma testemunha muito importante nesse caso. Que tipo de contribuição o senhor pode dar pro esclarecimento dessa morte?  
Dr. Jairinho: O que for necessário, eu tô aqui à disposição pra poder fazer o que for necessário. Eu tenho certeza absoluta, diante de Deus, que assassinato não foi.

Ele recorre, mais uma vez, à divindade, a um ser transcendente. Inclusive, Dr. Jairinho se utiliza da redundância para enfatizar seu argumento, uma vez que ele diz ter “certeza absoluta, diante de Deus” que a morte de Henry Borel não foi assassinato. Citando esse pleonasma, ele espera dar ao receptor convicção e plena segurança de que seu argumento é

verdadeiro e que o pequeno Henry não é vítima de um crime. Ao ver o ex-vereador se dirigir a Deus para provar a inocência, o telespectador pode sentir-se afetado emocionalmente pela possível fé em Deus que o acusado tenha.

As estratégias de patemização *argumentos repetidos que visam a persuasão e invocação do sobrenatural* prosseguem nas respostas do Dr. Jairinho, quando esse sujeito argumentante menciona mais uma vez o nome de Deus. Mais do que isso, como podemos ler no fragmento abaixo, vemos a repetição de um verbo, o qual traz segurança ao receptor de que o acusado acredita no trabalho investigativo.

Entrevistador: O senhor confia na investigação da polícia?

Dr. Jairinho: Confio, confio.

Entrevistador: (ininteligível)

Dr. Jairinho: Eu tenho certeza diante de Deus que a justiça vai ser feita. Não é possível, não posso acreditar em outra coisa. Eu confio no trabalho da polícia, confio sim.

Além da invocação de um ser espiritual, o ex-vereador repete o verbo *confiar* mais de uma vez em sua fala. Dr. Jairinho, por meio da repetição do verbo confiar, deseja intensificar sua resposta quando é interrogado se ele confia na investigação policial. Mesmo sendo acusado de assassinato por essa polícia que ele diz acreditar, Dr. Jairinho quer passar ao público sua confiança no trabalho dos investigadores. Assim, ao mostrar essa convicção tão enfática por meio do verbo confiar, o agente interpretativo pode ter o *sentimento de segurança* produzido e convencer-se de que o acusado está dizendo a verdade.

Ademais, quando o Dr. Jairinho diz que tem certeza, diante de Deus, que a justiça será feita, ele pode despertar no público o *sentimento de justiça*, não só pela morte do menino, mas também em prol dele e de sua esposa, uma vez que, segundo eles, o casal está sendo acusado injustamente.

Acerca da estratégia *invocação do sobrenatural*, vale salientar que, para que a patemização e a persuasão ocorram, é necessário que o receptor compartilhe das mesmas regras sociais de seu locutor. Embora o Brasil seja um país de diferentes práticas religiosas, o cristianismo ainda é a religião predominante e, sendo assim, se Dr. Jairinho mencionasse o nome de um outro deus, talvez, seu discurso não apresentasse o impacto desejado.

A respeito do que foi dito, Silva *et alii*. (2019) aponta que:

Diante do exposto, a patemização é determinada por sentimentos, emoções, que os sujeitos emitem através de práticas de linguagens. Os efeitos patêmicos estão ligados a crenças, possibilitando, assim, apresentar argumentos, numa tentativa de justificar um determinado acontecimento [...] Diante disso, é possível perceber que o efeito da patemização é um recurso de persuasão, mas que pode ser refutável, dependendo das

trocas sociais em que estão envolvidos os sujeitos, demonstrando sentimentos e emoções. (SILVA et alii., 2019, p. 271-272)

Gouvêa e Silva (2019) também discutem sobre o assunto, como lemos no trecho abaixo:

[...] de acordo com Charaudeau (2010), o conceito de *patemização* refere-se à possibilidade de um argumento levar o interlocutor, o sujeito interpretante, a experimentar a determinadas emoções. Quanto às emoções efetivamente experienciadas, o linguista diz que as emoções produzidas serão dependentes dos valores, crenças conhecimentos, enfim, dos imaginários sociodiscursivos compartilhados pelo sujeito interpretante. (GOUVÊA e Silva, 2019, p. 865)

O ato de invocar um ser divino também é encontrado nas falas de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá. Assim como fez Dr. Jairinho, o casal apela para o nome de Deus para levar verdade às suas falas, uma vez que os dois usam Deus como testemunha de que eles não são culpados pela morte de Isabella Nardoni.

Entrevistador: Hoje o que que vocês querem?

Alexandre Nardoni: Nós queremos que seja...

Anna Carolina Jatobá: Que a verdade apareça.

Alexandre Nardoni: Que a verdade apareça. Que a verdade venha à tona.

Anna Carolina Jatobá: É o que eu peço todos os dias pra Deus: que, realmente, apareça o verdadeiro culpado.

Alexandre Nardoni: Nós rezamos, porque Deus tá em primeiro lugar e Ele é nossa testemunha.

Anna Carolina Jatobá: Ele é nossa principal testemunha que somos inocentes.

Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá apresentam um desejo idêntico: que a verdade apareça. Notamos em suas falas esse anseio através da repetição do substantivo “verdade”, o que pode provocar no ouvinte o *sentimento de reciprocidade* pelos suspeitos, uma vez que, assim como querem os acusados, a população também espera o esclarecimento do caso.

É interessante perceber que, para o casal Nardoni, Deus não é uma simples testemunha, mas é a principal testemunha de que os dois são inocentes, como Anna Carolina alega. Ser testemunha é ter presenciado algum evento, dessa forma, os dois usam a pessoa de Deus como testemunha ocular para fixar a ideia de que eles não mataram Isabella Nardoni.

A entrevista prossegue, e o casal volta novamente o seu argumento para a religião:

Alexandre Nardoni: E eu queria dizer pra vocês que a nossa fé em Deus, assim, é inabalavelmente, assim, é inabalável. Deus, Deus é nossa testemunha.

Anna Carolina Jatobá: Nossa maior testemunha.

Alexandre Nardoni: Nossa maior testemunha. E Ele vai mostrar *pas* pessoas quem... Eu quero que Ele mostre *pas* pessoas essa pessoa que fez essa crueidade com a minha filha, entendeu? É o que eu mais espero.

Nas respostas acima, encontramos, mais uma vez, o uso da estratégia *invocação do sobrenatural*. Como na fala anterior, o casal, para dar segurança e credibilidade a suas respostas, garante que Deus é a testemunha da inocência desses dois acusados. Anna Carolina Jatobá categoriza esse ser transcendente como “maior testemunha”. Por meio dessa classificação, vemos a estratégia *princípio de avaliação*, o que deixa claro a avaliação dela em relação a pessoa de Deus.

Outras duas estratégias ocorrem nas falas do casal Nardoni: *expressões modalizadoras* (inabalavelmente) e *palavras que descrevem de modo transparente emoções* (crueldade). Ao dizer a *expressão adverbial modal* “inabalavelmente”, o que Alexandre Nardoni espera passar ao público é a imagem de sua fé em Deus, uma fé sólida e que não se abala, de acordo com o suspeito. O ouvinte, caso seja persuadido diante da resposta, pode sentir confiança no argumento de Alexandre Nardoni e, talvez, acreditar em sua inocência. Quanto à palavra “crueldade”, esse termo pode causar o *sentimento de tristeza* no receptor, uma vez que um crime bárbaro e cruel contra uma criança pode provocar no indivíduo sentimentos melancólicos e angustiantes.

Vimos nos trechos anteriores o apelo ao nome de Deus que Dr. Jairinho, Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni fazem em seus discursos. Os três asseguram, diante de Deus como testemunha, uma verdade: de acordo com eles, nenhum dos três teve participação em crime algum.

Conectando o nome de Deus às respostas, os acusados podem criar a imagem de que apresentam uma boa moral e produzir no receptor o *sentimento de empatia* por eles e persuadi-lo de inocência.

Em algumas partes da entrevista, o casal Nardoni repete o mesmo conteúdo linguístico um do outro, como se um completasse o argumento do companheiro, embora as respostas já estejam completas. Abaixo veremos, de forma sequencial, as respostas de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá cercadas da estratégia *argumentos repetidos que visam a persuasão*.

Entrevistador: Vocês não usaram fralda pra limpar sangue, pra nada?<sup>5</sup>

Anna Carolina Jatobá: Não.

Alexandre Nardoni: Isso não existe.

Anna Carolina Jatobá: Isso não existe.

Alexandre Nardoni: Isso não existe de maneira alguma.

Anna Carolina Jatobá: Não existe mesmo.

Alexandre Nardoni: As crianças foram dormindo, os três foram dormindo.

Anna Carolina Jatobá: Foram os três dormindo.

---

<sup>5</sup> Na época, foi encontrada uma fralda com vestígios de sangue no apartamento onde ocorreu o crime.

Os dois negam, por meio da repetição, o uso da fralda para limpar sangue ao responderem “isso não existe/ isso não existe de maneira alguma”. Alexandre Nardoni vai além em sua resposta, ele usa uma dupla negação “Isso não existe de maneira nenhuma.”, enfatizando seu argumento.

Abaixo há mais um trecho em que o casal Nardoni repete o argumento um do outro. Ainda que as palavras ditas por eles possam ser diferentes, o sentido permanece igual.

Alexandre Nardoni: Olha, nós não vivemos mais.

Anna Carolina Jatobá: Não tem como. Nem dormir, a gente não consegue dormir. Comer, a gente não consegue se alimentar mais direito.

Alexandre Nardoni: Nós não dormimos direito, nós não se alimentamos. Nós, praticamente, não vivemos mais.

Anna Carolina Jatobá: Nossa vida, praticamente, acabou.

Alexandre: Acabou.

Como é possível ler acima, os dois repetem os mesmos argumentos um do outro, e, através dessa estratégia linguístico-persuasiva, podemos entender que eles esperam alcançar êxito na ação de persuadir, visto que, através da repetição, o que se aguarda é que os conteúdos ditos se fixem na mente do ouvinte.

Enquanto assistíamos aos vídeos que nos serviram de análise, percebemos as inúmeras vezes que Alexandre Nardoni e sua esposa repetiam o quanto sua família é unida e todos, muito felizes. A recorrência dessa ideia de união familiar é tão frequente na entrevista que resolvemos separar um tópico somente para a investigação desses conteúdos. É importante dizer que as palavras ditas por eles não são exatamente iguais, mas o sentido não é alterado.

#### **5.4 Uma família unida e feliz, de acordo com o casal Nardoni.**

Na época em que o crime ocorrera, a mídia noticiou as constantes brigas que aconteciam entre o casal, discussões essas confirmadas pelos vizinhos de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá. Contudo, não é isso que é relatado durante a entrevista ao programa Fantástico, pois, como veremos a seguir, os acusados “pintaram” um quadro idealizado de sua família.

Abaixo, encontra-se uma sequência de discursos repetidos mencionados em diferentes partes da entrevista, a fim de exibir à sociedade a boa união familiar que diz ter o casal Nardoni, podendo gerar o convencimento do público de que eles não tinham motivação para matar Isabella Nardoni.

Entrevistador: Então, como vocês estão se sentindo depois da morte da Isabella, uma morte tão trágica?

Alexandre Nardoni: Nós somos uma família, assim, eu e minha esposa Anna Carolina, como podemos dizer? Uma família como qualquer uma outra, entendeu? Somos muito apegados à família, a nossa família são todos unidos<sup>6</sup>, né? As nossas crianças, os nossos filhos, tanto a Isabella, quanto o Pietro e o Cauã é tudo na nossa vida, na minha e da minha esposa, entendeu? [...]

Entrevistador: Vocês estão sendo acusados de um crime grave. (ininteligível) Como é suportar essa acusação?

Alexandre Nardoni: Olha, tá muito difícil isso, porque, sabendo como nós somos com os nossos filhos, e a nossa família também, nossos amigos sabendo como nós somos... A gente fomos sempre unidos, sempre se reunimos todos finais de semana pra tá almoçando todos juntos.

Anna Carolina Jatobá: A gente sempre foi muito família.

Alexandre Nardoni: Sempre fomos família. Sempre almoçamos juntos, jantamos juntos. Todos unidos, entendeu? [...]

Em uma determinada parte da entrevista, Alexandre Nardoni responde que o julgamento que ele e sua esposa têm recebido vem da mídia. A seguir, o jornalista Valmir Salaro os indaga:

Entrevistador: A responsabilidade mais é da imprensa pra vocês?

Alexandre Nardoni: Não digo responsabilidade de ninguém, entendeu? Eu acho assim, eu não posso falar que a responsabilidade é tanto da mídia quanto a responsabilidade é da polícia. A gente não pode tá falando isso porque a gente ia tá fazendo um julgamento também, entendeu? Mas é assim, tão mostrando eu e minha esposa de uma tal maneira, explorando, assim, a nossa imagem de uma tal maneira na televisão que eles não conhecem a gente pra tá falando o que falam[...]. Se eles soubessem como era nossa vida, a gente vivia sempre em harmonia, sempre alegres, todos brincando. O tempo todo a gente tava brincando no apartamento.

Entrevistador: Aquela imagem que a televisão mostra vocês no supermercado, mostra uma família unida, harmoniosa.

Anna Carolina Jatobá: É, do jeito que a gente sempre foi. Sempre fomos assim. Onde um tá, tá todos. A Isa só não estava com a gente nos finais de semana que ela tava com a mãe dela. Quando ela tava em casa, aonde um ia, ia todos. A gente sempre foi assim, onde um tá, tá todos. Nunca, nunca separamos um dos outros.

Outra vez, o pai de Isabella reprisa a mesma ideologia de família unida, perfeita.

Entrevistador: Como é que vocês se veem diante da televisão?

Alexandre Nardoni: Não tem nem como explicar. A gente sabendo, da maneira que nós somos com nossa família e com os nossos filhos, o tratamento que nós sempre demos para eles, a educação. Nós sempre, desde pequenos, de berço, tanto o meu pai quanto o pai dela sempre educou a gente, assim, de uma maneira, assim, como posso dizer? Sempre respeitar todos [...]. Nós somos educados de uma maneira, que... família, sempre unidos. Sempre estamos unidos. Tudo o que ia acontecer, sempre estamos unidos, entendeu? [...]

<sup>6</sup> Em suas respostas, Alexandre Nardoni, algumas vezes, era ambíguo. Por isso, não se sabe a qual família ele se refere (se a dele com os pais ou se à família que ele formou com Anna Carolina Jatobá).

Abaixo, há, novamente, a repetição da imagem de um lar perfeito e unido que os acusados criam em suas falas. Depois de elogiar a filha e afirmar não entender o motivo de alguém matar Isabella Nardoni por ser uma criança dócil e cativante, seu pai prossegue:

Entrevistador: Por que alguém agiria com tanta brutalidade?

Alexandre Nardoni: [...] Ela<sup>7</sup> sempre dava alegria pra nós, entendeu? Todos os nossos filhos, quanto ela, assim. As crianças, assim, sempre deu muita alegria pra nós. A gente sempre ficou, praticamente, assim, sempre nós cinco. Qualquer coisa que nós fomos fazer, era nós cinco. Quando a Isabella não estava com a gente no final de semana, nós esperávamos o próximo final de semana pra fazer as coisas juntos [...].

Anna Carolina Jatobá: A gente acabava deixando de fazer (ininteligível) pa poder fazer os cincos juntos, entendeu?

Entrevistador: Surgiram várias testemunhas que dizem que vocês não tinham uma vida tão harmoniosa, que vocês viviam brigando. Então, da onde surgiram essas testemunhas? Por que que essas pessoas estão falando isso?

Alexandre Nardoni: Olha, brigas todo casal tem.

Anna Carolina Jatobá: A gente tinha briga.

Alexandre Nardoni: Mas não do jeito que estão vinculando na mídia. Brigas nossas, normais, como qualquer um outro casal.

Anna Carolina Jatobá: Tanto é que nesse apartamento novo nós nunca tínhamos brigado nesse apartamento.

Alexandre Nardoni: Nem discutido em momento algum [...]

Anna Carolina Jatobá: Não discutimos em momento algum nesse apartamento. A gente vivia em harmonia mesmo nesse apartamento. Era total harmonia.

Durante o diálogo, o jornalista responsável pela entrevista questiona Alexandre Nardoni sobre seu relacionamento com sua ex-companheira (a mãe biológica da menina Isabella). Com uma resposta curta, ele responde ao jornalista e, em seguida, desvia-se da pergunta e transita para outro tema, assunto recorrente na entrevista: a união que ele e sua família usufruem, segundo Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. A seguir, podemos ver uma resposta evasiva do acusado ao se referir sobre sua relação com a mãe de Isabella Nardoni, além de uma resposta cercada de argumentos repetidos:

Entrevistador: Você tinha uma relação com a sua esposa uma relação tranquila?

Alexandre Nardoni: Normal, uma relação normal. Inclusive no sábado, assim, eu fiquei com eles<sup>8</sup> o tempo todo na piscina, nós andamos de moto, na sexta-feira nós brincamos muito dentro do apartamento, fomos pra casa dos meus pais [...]. Todo final de semana ou nós estávamos na casa dos meus pais ou nós estávamos na casa do meu sogro. Sempre nós almoçamos, jantamos, ficávamos unidos mesmo, brincando, aquela coisa assim unida mesmo. Sempre fomos assim [...]

Vimos na imagem de família perfeita e harmoniosa, formulada pelo casal, a estratégia *argumentos repetidos que visam a persuasão* e não se pode negar que, por meio dos mesmos argumentos ditos inúmeras vezes, o que o casal espera é persuadir o seu receptor de que eles

<sup>7</sup> O pronome do caso reto “ela” refere-se à menina Isabella Nardoni.

<sup>8</sup> Alexandre Nardoni refere-se aos filhos.



formam uma família exemplar e, portanto, incapazes de assassinar uma criança, a qual, também, fazia parte dessa união familiar.

O acusado adjetiva seu relacionamento com sua ex-companheira como “normal” e logo muda o rumo da conversa, partindo para o discurso de idealização familiar. Um discurso evasivo pode ser caracterizado como um discurso em que o interlocutor não responde diretamente o que lhe foi questionado, fazendo “rodeios” durante a interação. A resposta de Alexandre Nardoni focou, majoritariamente, na boa relação familiar que ele diz experimentar com seus entes queridos e não na pergunta do jornalista. Talvez assim respondeu Alexandre Nardoni para não comprometer a sua imagem diante do receptor, caso contrário, seu objetivo de persuadir o ouvinte de que é inocente seria inalcançado.

Diante de tudo o que foi exposto sobre a análise do *corpus*, passaremos, adiante, às principais conclusões.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se ocupou em analisar as falas de 4 acusados de assassinato de criança, a fim de investigar suas estratégias linguístico-discursivas para produzir no receptor o sentimento de empatia por eles e tentar convencê-lo de sua inocência. Para isso, apoiamo-nos em Patrick Charaudeau e nas estratégias de patemização de Gouvêa.

No decorrer do trabalho, levantamos três hipóteses, as quais veremos, a seguir, se foram confirmadas ou refutadas.

A *primeira hipótese* supôs que os acusados usariam grandes quantidades de adjetivos, qualificando direta e positivamente a si próprios, a fim de preservar sua imagem e afirmar sua inocência. Após a análise do *corpus*, é possível dizer que essa hipótese não se confirmou, uma vez que, em grande parte da entrevista, os acusados se utilizaram de terceiros para confirmar seu bom caráter e não usaram adjetivos positivos apontados diretamente para si próprios. Poucas foram as vezes que os suspeitos mencionaram adjetivos, elogiando diretamente a eles mesmos. Como estratégia para preservar sua imagem, os quatro se mostraram ser pessoas de boa índole e, para isso, fundamentaram seus argumentos a partir da perspectiva de outras pessoas.

A respeito da *segunda hipótese*, a qual postulou que os acusados usariam palavras/expressões/enunciados de caráter emocional para criar no receptor o sentimento de empatia e convencê-lo de sua inocência, concluímos que ela foi confirmada. Como foi possível ver durante a análise, todos os acusados mencionaram palavras, expressões e enunciados de

carga emocional que podem produzir sentimento de tristeza, de comiseração, entre outras emoções no público. Um desses sentimentos despertados no ouvinte poderia ser a empatia por esses acusados, caso ele se sentisse comovido diante do discurso comovente dos suspeitos.

Por fim, temos a *terceira hipótese*, a qual presumia que os acusados apresentariam argumentos repetidos a fim de persuadir o telespectador de que eram inocentes. Sobre essa hipótese, ela, também, se confirma, porque os acusados repetiram sintagmas, frases, enunciados, e, ainda que a repetição não fosse exatamente igual, a ideia permanecia a mesma, e acreditamos que assim o fizeram para que eles tivessem sucesso na persuasão. Notamos, também, que, dentro da estratégia da repetição, os acusados se voltaram para o componente espiritual, repetidas vezes, ao usar Deus como testemunha de sua inocência.

Sabemos que ainda há um longo caminho a trilhar quando o assunto é patemização em discursos de acusados de assassinato de criança, e o que esperamos é que este estudo avance por meio de pesquisadores interessados no assunto e contribua para a resolução e investigação de futuros casos.

## 7 REFERÊNCIAS

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 01. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AfQEorUrYI&t=141s>. Acesso em 1 out.2022.

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 02. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6cJ-b01abl>. Acesso em 1 out. 2022.

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 03. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKL0lsWN3IM>. Acesso em: 1 out. 2022.

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 04. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcXqoUbpldA>. Acesso em: 18 fev. 2023.

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 05. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jB-K-6Fh0Po&t=296s>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ALEXANDRE Nardoni e Anna Carolina Jatobá no Fantastico P 05. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jB-K-6Fh0Po>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ALMEIDA, Dayane; COULTHARD Malcolm; SOUSA-SILVA, Rui. **Perspectivas em Linguística Forense. Campinas, SP** : Unicamp / Publicações IEL, 2020.

ANDRADE, F. P. Parece Igual, mas é Diferente: a Repetição como Função Persuasiva na Linguagem Oral. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Ano 4 – Edição 1, São Paulo, p. 1-11, set./nov. 2010.

ARISTÓTELES, *Retórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BBC News Brasil, 2021. **CASO Henry Borel: o que se sabe sobre a morte da criança de 4 anos e prisão da mãe e do padrasto**. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56681829>> Acesso em: 20 out. 2022.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. ReVEL na Escola: O que é a Linguística Forense?. ReVEL, vol. 12, n. 23, 2014.

CASAL Nardoni – entrevista com detector de mentiras – parte 1. [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal vampetaviado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0h6sknm76OI>. Acesso em: 25 set. 2022.

CASAL Nardoni – entrevista com detector de mentiras – parte 2. [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal vampetaviado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i58ob8jvk6g>. Acesso em 25 set. 2022.

CASAL Nardoni Fantástico Parte 6. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (7 min.). Publicado pelo canal rdrgdavila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0nXTioTNCy8&t=15s>. Acesso em: 20 jan. 2023

CASO Henry Borel: acompanhe os trechos inéditos da entrevista de Dr. Jairinho e Monique a Roberto Cabrini. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal Cidade Alerta Record. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KcrP\\_czUTEs](https://www.youtube.com/watch?v=KcrP_czUTEs). Acesso em: 18 set. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CORTE, Simone. **Modos de organização do discurso e representação de um governo latino americano no gênero reportagem**. Dissertação (Mestre em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, p. 114. 2009

FERREIRA, L. **Notícias sobre a violência no Rio de Janeiro: Uma análise das estratégias de patemização nos jornais Extra e Meia Hora**. Monografia (Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 29. 2020.

Gazeta do Povo, por G1/Globo.com com informações da TV Globo, O Globo Online e Agência Estado. **INTERROGADA, Anna Carolina Jatobá chora e contradiz marido ao depor**. 23 de mar. de 2010. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/interrogada-anna-carolina-jatoba-chora-e-contradiz-marido-ao-depor-05hlysq1tn2zdaq7pvhgayxa>>. Acesso em: 6 out. 2022.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **Um estudo das emoções em crônicas jornalísticas**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 903-937, 2017.

GOUVÊA, L.; SILVA, W. **Argumentação por implícitos como estratégia de patemização**. Gragoatá, Niterói, v.24, n. 50, p. 853-872, set.-dez. 2019.

HARE, R. Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós. Porto Alegre: Artmed, 2013.

HARE, R. Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós. Porto Alegre: Artmed, 2013.

LENHARDT, Jordana. Quando o crime está no uso da língua. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

MACHADO, Ralph. Entra em vigor a Lei Henry Borel, que prevê medidas protetivas a crianças vítimas de violência doméstica. **Câmara dos Deputados** – Agência Câmara Notícias, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/879487-ENTRA-EM-VIGOR-A-LEI-HENRY-BOREL,-QUE-PREVE-MEDIDAS-PROTETIVAS-A-CRIANCAS-VITIMAS-DE-VIOLENCIA-DOMESTICA>. Acesso em: 27 mar.2023.

MOURA, J. B. de; AGUIAR MAGALHÃES, J. M.; SOUSA VIEIRA, J. M. de. **OS EU(s) e seus outros: os sujeitos da linguagem estabelecidos na interligação semiolinguística EUc/TUí no filme Bicho de Sete Cabeças**. PERcursos Linguísticos, [S. l.], v. 6, n. 13, p. 37–50, 2016.

OLIVEIRA, Edna Paula. **A importância da prova pericial no deslinde do “caso Isabella Nardoni”**. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2014.

PEREIRA, P. S.; LIMA, M. A. **Estratégias argumentativas no webjornalismo: um estudo semiolinguístico de um editorial de um site Folha de São Paulo**. Matranga, Rio de Janeiro, v.26, n.47, p.369-387, mai./ag. 2019. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/39209>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Saiba quem é quem no julgamento do casal Nardoni. **Jusbrasil**, Publicado por Âmbito Jurídico, 2010. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/saiba-quem-e-quem-no-julgamento-do-casal-nardoni/2125278>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Sancionada a Lei Henry Borel, que torna homicídio de criança homicídio hediondo. **Senado Notícias** – Da Agência Senado, 2022, Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/25/sancionada-lei-henry-borel-que-torna-homicidio-de-crianca-crime-hediondo>. Acesso em: 27 mar.2023.

Significado de Totalmente. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/totalmente/#:~:text=Significado%20de%20Totalmente,Total%20%2B%20mente>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SILVA, F.; LINS, D.; MOURA, J. **A patemização como recurso de persuasão em reportagem publicada na Folha de São Paulo referente à professora Heley**. Cadernos Cajuína, V. 4, N.1, 2019, p. 265-281.

SILVA, W. **Argumentação e Patemização em cartas de ameaça: uma análise Semiolinguística como contribuição à Linguística Forense**. Tese (Doutorado em Línguas Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 275. 2020.

SILVA, Welton. Linguística Forense: como o linguista pode contribuir em uma demanda judicial?. **Roseta**, ABRALIN, v.2. n.2, 2019.

UNICEF. **Nos últimos 5 anos, 35 mil crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta no Brasil, alertam UNICEF e Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília, 22 de out.de2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>>. Acesso em: 10 out. 2022.

VALENTE, Ana Carolina. **A construção das emoções no discurso do ex-presidente Lula**. SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/ UERJ. n. 28, p. 242-261., jul./dez. 2014.